



**MARCOS NATAL**

É necessário incentivar novos talentos em áreas de interesse do criacionismo

**REFLEXÃO**

Como reequilibrar a vida quando as frustrações nos desviam do caminho da vitória

**LIDERANÇA**

Princípios bíblicos para envolver os membros na missão da igreja

# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 16,28



## ORIGEM DA VIDA

A criação sob a perspectiva da fé e da ciência

MAI-JUN • 2019



# Lançamentos

## Para a igreja e a família



Esta obra começa nas Escrituras, passa aos escritos de Ellen G. White, aos hinários adventistas e aos documentos da igreja, visando encontrar fundamentos em que possa se estabelecer um ministério musical para a glória de Deus. Desse encontro com Deus e Sua Palavra, surge o desejo de oferecer um serviço de adoração, de amor e edificação por meio de vozes e sons. A música se converte, finalmente, em um ministério inspirado e guiado por Deus para Sua honra eterna e para a redenção da humanidade.

Valendo-se de uma rica experiência profissional e um amplo material de pesquisa, os autores apresentam técnicas simples e práticas para restaurar o altar da família e ajudar essa instituição divina a se aproximar de Deus em um nível mais pleno. Este livro fornece as ferramentas adequadas para tornar eficaz a comunicação entre a família e o Criador. É um material indispensável para aqueles que desejam superar os desafios e viver segundo o coração de Deus.

### Formato especial para as crianças

Toda grande história precisa de um grande começo. Esta não seria diferente. Os personagens que você vai conhecer são incríveis e viveram aventuras impressionantes: um ser vivo criado a partir do barro, uma família que enfrentou uma tempestade, um irmão que fingiu ser o outro, e até um homem que interpretava o significado dos sonhos. Nada disso é fruto da imaginação. Tudo aconteceu de verdade. Está preparado para viver essa aventura? É só abrir este livro. A história já vai começar.

# Criacionismo e missão

Em fevereiro, o site da revista *Scientific American* publicou os resultados de uma interessante pesquisa que visava identificar o percentual de norte-americanos que acreditam no criacionismo bíblico. Para tanto, foi usada uma estratégia composta de dois tipos de respostas para a pergunta “Qual afirmação corresponde ao seu ponto de vista?” Para um grupo de respondentes, as alternativas foram: “(1) Os humanos sempre existiram em sua presente forma; (2) Os humanos evoluíram; Deus atuou no processo; (3) Os humanos evoluíram; Deus não atuou no processo”. Para outro grupo, havia uma variação na segunda alternativa. Assim, as respostas foram: “(1) Os humanos sempre existiram em sua presente forma; (2) Os humanos evoluíram: (a) Deus atuou no processo; (b) Deus não atuou no processo”.

As respostas indicaram que o percentual de norte-americanos que se declararam criacionistas foi menor entre os participantes do primeiro grupo (18%) do que entre os respondentes do segundo (31%). Esse fato levou os pesquisadores à seguinte conclusão: “Considerados em conjunto, os experimentos ilustram a importância de testar várias maneiras de perguntar sobre a evolução. [...] De fato, os dados mostram que uma parte considerável dos norte-americanos acredita que a vida na Terra evoluiu ao longo do tempo e que Deus desempenhou algum papel no processo evolutivo.”

O evolucionismo teísta tem ganhado adeptos e não podemos subestimar sua capacidade de se infiltrar em nossas congregações, seja por intermédio de pessoas que mantêm suas crenças evolucionistas após serem batizadas ou ainda por meio de estudantes cristãos que assimilam a teoria da evolução enquanto estudam em instituições de ensino que a defendem. De fato, o tema das origens não pode ser ignorado, pois é fundamental para a formação da cosmovisão e consequente vivência da fé.

James Sire definiu cosmovisão como sendo “uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser total ou parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas), que detemos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o alicerce sobre o qual vivemos, movemos e possuímos o nosso ser” (*O Universo ao Lado*, p. 16).



**O evolucionismo teísta tem ganhado adeptos e não podemos subestimar sua capacidade de se infiltrar em nossas congregações.”**

Diante de tão importante conceito, quais seriam os impactos do evolucionismo sobre a cosmovisão bíblica? Ekkehardt Mueller, em um artigo intitulado “The creation”, apresenta alguns pontos cruciais que envolvem a questão. Primeiramente, a teoria da evolução considera a morte como um aliado no processo de transformação da vida, contrariando a visão bíblica de que ela é um inimigo resultante da entrada do pecado no mundo.

Em seguida, a teoria da evolução pode promover em seus adeptos uma visão niilista. Assim, qual seria o sentido da vida, se viemos do nada e, ao final, chegaremos a lugar algum? Por sua vez, as Escrituras apresentam a origem nobre do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, com o propósito de adorá-Lo por meio de uma existência significativa, em conformidade com Seus princípios promotores de vida plena e abundante.

Para quem defende o evolucionismo teísta, a teoria ainda apresenta uma imagem distorcida de Deus. Ao invés de todo-poderoso, o Senhor é descrito como alguém sujeito à lei natural, dependente de um processo criativo que requer sofrimento e morte. Nada mais injusto à revelação bíblica de um Deus que está disposto a sofrer e morrer por Seus filhos amados!

Finalmente, ao negar o relato bíblico da criação literal, a teoria da evolução menospreza a origem divina do sábado do sétimo dia que, de acordo com a compreensão escatológica adventista, ocupará posição central no conflito final entre o remanescente fiel e a Babilônia espiritual.

Portanto, considerando essas implicações negativas que o evolucionismo lança sobre a fé cristã, é necessário que promovamos o verdadeiro conhecimento acerca de nossas origens, a fim de que tenhamos um povo habilitado a proclamar com autoridade a mensagem divina: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:7). **TM**



**Wellington Barbosa,**  
doutorando em Ministério,  
é editor da revista Ministério

# Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

## Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

## Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

## Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

## Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br). Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

## Conheça o novo portal do pastor

[www.pastoradventista.org](http://www.pastoradventista.org)



### Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

## 10 Olhar analítico

L. James Gibson

Um cientista criacionista compartilha suas ideias a respeito de Gênesis 1

## 16 Relato confiável

Randall W. Younker

Evidências arqueológicas indicam a veracidade de Gênesis 1 a 11

## 20 Pane no ministério

Diogo Cavalcanti

Como reequilibrar a vida quando as provas e frustrações nos desviam do caminho da vitória

## 24 Antes e depois da fé

Ruben Aguilar

O princípio, fundamento e permanência da lei na dinâmica da salvação

## 28 Liderança mobilizadora

André Clemente

Princípios bíblicos para envolver os membros na missão da igreja



10

3 Editorial

6 Entrelinhas

7 Entrevista

27 Frases

32 Pastor com paixão

33 Em família

34 Recursos

35 Palavra final



16



28

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 91 – Número 543 – Mai/Jun 2019  
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber  
Capa Hywards / Adobe Stock

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br  
www.facebook.com/revistaministerio  
Twitter: @MinisterioBRA  
Redação: ministerio@cpb.com.br

**Conselho Editorial** Lucas Alves; Daniel Montalvan; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

**Colaboradores** Alberto Peña; André Dantas; David Ayora; Edilson Valiante; Efrain Choque; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Juan Zuñiga; Raildes Nascimento; Ronivon Santos; Rubén Montero; Sidnei Mendes; Tito Valenzuela



**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**  
Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106  
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

**Diretor-Geral** José Carlos de Lima  
**Diretor Financeiro** Uilson Garcia  
**Redator-Chefe** Marcos De Benedicto  
**Chefe de Arte** Marcelo de Souza

### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45  
Domingo, das 8h30 às 14h  
Site: www.cpb.com.br  
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20  
Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5935 / 39834

# O propósito da igreja

Fazer discípulos é a principal razão de ser da igreja, e nisso deveria ser consumida boa parte de nossas energias, pois esse foi o instrumento que Cristo escolheu para alcançar o mundo, conforme Mateus 28:19 e 20. Observe que esse versículo se encontra no comissionamento missionário. Por isso, considerar o discipulado somente em termos de relacionamento é limitar o texto e separá-lo da missão é fugir da essência de sua mensagem.

Em Marcos 3:14, há algo que pode nos ajudar a compreender melhor o discipulado. Diz o texto: “Então, designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar”. Note duas características: (1) estar com Jesus e (2) ser enviado a pregar; ou seja, permanência em Cristo e testemunho por Ele. Assim, poderíamos resumir essas características em duas palavras: comunhão e missão, e acrescentar uma terceira: relacionamento, que é o meio em que as coisas acontecem. O *Manual da Igreja* apresenta a razão da existência da igreja, dizendo: “O propósito da igreja na qualidade de corpo de Cristo é discipular intencionalmente os membros, a fim de que permaneçam em um relacionamento ativo e frutífero com Cristo e Sua igreja” (p. 133).

Como reflexo desse entendimento, a principal preocupação da comissão da igreja local deve ser “colocar em prática um plano de discipulado ativo que inclua tanto a nutrição espiritual da igreja como o trabalho de planejar e promover o evangelismo” (ibid., p. 132, 135). Nesse processo, é de fundamental importância a integração dos pequenos grupos e das unidades de ação da Escola Sabatina.

Quando o discipulado não é prioridade, a igreja sofre com ausência de líderes capacitados, crentes imaturos, baixo índice de crescimento numérico e um ministério frustrado. Por outro lado, quando o discipulado assume o primeiro item do planejamento da igreja, o resultado é maior comprometimento dos membros com a missão, liderança madura e capacitada, maior fidelidade nos dízimos e ofertas, baixo índice de apostasia, paixão pela missão e um ministério mais realizado.



**Considerar o discipulado somente em termos de relacionamento é limitar Mateus 28:19 e 20 e separá-lo da missão é fugir da essência de sua mensagem.”**

Acredito que nosso papel como pastores é fundamental para o cumprimento do propósito da igreja. É verdade que temos uma lista de atividades quase infinita, e muitos esperam de nós até o que não deveriam esperar, mas existem elementos essenciais que precisamos realizar. Ellen White afirmou: “O Senhor deseja que toda pessoa em Seu serviço compreenda qual é o tipo de trabalho requerido dela” (*Olhando para o Alto*, p. 50).

Surge então a pergunta: Qual é o tipo de trabalho requerido do pastor? Um dos textos-chave para responder essa questão é Efésios 4:11 e 12. O apóstolo Paulo escreveu: “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo.” Segundo ele, o pastormestre deve promover o crescimento espiritual dos membros em Cristo, ensiná-los a andar com Cristo todos os dias, além de prepará-los para o serviço, quando, por meio de suas habilidades e oportunidades, eles devem testemunhar de Cristo. Como disse Lutero: “todos são ministros, e alguns são pastores” (Rex Edwards, *Every Believer a Minister*, p. 8).

Nossa proximidade com as Escrituras nos mostrará que o discipulado não é modismo, uma nova onda, teoria sem resultados, relacionamentos sem missão ou comunhão contemplativa, mas o plano de Deus colocado em prática para abalar o mundo, viver intensamente para Cristo e levar pessoas a Ele. Em resumo, o discipulado reafirma o propósito e a razão da existência da igreja, isto é, ser “o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 9). **M**



Divulgação DSA

**Lucas Alves**, doutorando em Ministério, é secretário ministerial da Igreja Adventista para a América do Sul

# Criacionistas pela fé e razão

*Considerando a importância que as universidades dão aos resultados da investigação científica, é necessário incentivar a pesquisa qualificada e a formação de jovens talentos em áreas de interesse do criacionismo.*

por Márcio Nastrini

O estudo, a pesquisa e a difusão do criacionismo são cada vez mais necessários no mundo pós-moderno. Jovens cristãos têm enfrentado muitos desafios nas universidades porque, no ambiente acadêmico, impera a cosmovisão naturalista, que nega qualquer interferência sobrenatural no funcionamento do Universo. Assim, é imperativo que os estudantes que acreditam no relato bíblico das origens tenham condições de defender sua fé por meio de ferramentas científicas. O trabalho do doutor Marcos Natal de Souza Costa é ajudá-los nessa tarefa.

Natural de Goiânia, GO, o doutor Marcos Natal nasceu em um lar adventista. Em Belo Horizonte, cursou o bacharelado e mestrado em Geologia. Posteriormente, obteve seu doutorado em Geologia pela Universidade Estadual Paulista. No Centro Universitário Adventista de São Paulo, atuou como professor, diretor de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão e coordenador do Núcleo de Estudo das Origens (NEO). Em 2017, foi indicado para dirigir o Instituto de Pesquisa da Criação, na sede sul-americana da Igreja Adventista. Além disso, é presidente da Sociedade Criacionista Brasileira e membro do Comitê do Instituto de Pesquisa em Geociência da sede mundial dos adventistas do sétimo dia.



Divulgação DSA

## O que despertou no senhor o desejo de estudar Geologia?

Em Goiânia estudei música dos 6 aos 18 anos, mas sempre tive interesse pelas Ciências da Terra. Durante o ensino médio, comecei a me aprofundar na área da Geologia. As disciplinas do curso superior e os temas tratados me atraíram. Além disso, interessei-me pela profissão de geólogo.

Entretanto, o fator determinante para que eu optasse por essa carreira foi participar de um seminário criacionista na Igreja Adventista Central de Goiânia, promovido pela Sociedade Criacionista Brasileira (SCB). Os coordenadores foram o doutor Ruy Carlos de Camargo Vieira, fundador-presidente da SCB, e seu filho, Rui Correa Vieira.

## O senhor tem sido ativo na defesa do criacionismo. Como começou essa jornada?

Dois momentos foram decisivos para meu envolvimento mais ativo com o criacionismo. Na primeira década dos anos 2000, fui convidado pela SCB para palestrar em uma série de seminários sobre “A Filosofia das Origens”. Até o momento, foram realizados 26 eventos em quase todo o Brasil e no exterior.

O segundo momento importante foi quando atuei como coordenador do Núcleo de Estudo das Origens (NEO) do Unasp, entre 2009 e 2017. Durante esse período, estive envolvido com cursos de

a respeito das nossas origens. O órgão também está voltado para a formação de pesquisadores aptos a produzir trabalhos científicos relevantes que validem a explicação criacionista.

Até o momento, foram oferecidos dois programas de capacitação. O primeiro, em 2016, nas Ilhas Galápagos; e o segundo, no ano passado, em Juazeiro do Norte, no Ceará, um dos sítios de maior interesse da paleontologia.

Atualmente, o instituto está preparando um manual para a organização e o estabelecimento de centros criacionistas. Eles devem funcionar nas escolas e universidades adventistas da América do Sul. Um

no “Creation Place”, onde recebemos 611 clubes e mais de 16 mil desbravadores.

## Quais são os principais desafios para os jovens cristãos na defesa do criacionismo no contexto acadêmico?

É notório o número de jovens adventistas que enfrentam grandes desafios quando ingressam na universidade. Na área das Ciências da Terra, o darwinismo é a base epistêmica principal para a compreensão da diversidade dos seres vivos, do registro fóssil e de sua paleoecologia e paleogeografia. No campo das Ciências Humanas, e mesmo da Saúde, os estudos da natureza do homem, da antropologia histórica, da sociologia, e até da psicologia social, não se completam sem referência ao darwinismo e ao materialismo histórico e dialético de base puramente marxista, uma vertente sociológica da teoria da evolução.

Assim, considerando a importância que as universidades dão aos resultados da investigação científica, é necessário incentivar a pesquisa qualificada e a formação de jovens talentos em áreas de interesse do criacionismo. É preciso formar uma nova geração que produza estudos que validem os modelos criacionistas e permitam uma crítica rigorosa da teoria da evolução.

Ainda há o que se conhecer sobre os eventos iniciais de nossa história, como os mecanismos envolvidos em um dilúvio global e catastrófico, as contradições do evolucionismo e a interpretação do registro fóssil em moldes criacionistas.

## Como o senhor avalia a tentativa de alguns teólogos de harmonizar o relato bíblico com a teoria da evolução?

O evolucionismo teísta é uma corrente de pensamento filosófico-humanista que tem ganhado muitos adeptos no meio do cristianismo. Ele parte do pressuposto de que Deus é o Criador supremo da vida, mas que o processo utilizado

Atualmente, nossas crianças e nossos adolescentes são atraídos pelo entretenimento efêmero e descomprometido. Assim, atrair o interesse para o tema das nossas origens não deixa de ser um desafio.

capacitação de professores, na promoção de eventos e divulgação do criacionismo em escolas, universidades e igrejas.

## Desde 2017, o senhor é o diretor do Instituto de Pesquisa da Criação, na sede sul-americana da Igreja Adventista. Qual é o propósito desse instituto? Quais são as principais atividades desenvolvidas por ele?

O Instituto de Pesquisa da Criação está vinculado ao Departamento de Educação da sede sul-americana da Igreja Adventista. Ele tem como objetivo o estudo, a pesquisa e a difusão da filosofia adventista

centro criacionista é um espaço dedicado ao estudo e à divulgação do criacionismo, servindo de apoio ao projeto de integração fé/ensino.

No ano passado foi reativado o centro criacionista da Universidade Adventista Del Plata, na Argentina. Este ano, um dos projetos é reestruturar o centro criacionista da Universidade Adventista do Chile e promover a pesquisa em seu campus.

Além disso, o órgão apoia os ministérios da Criança, do Adolescente e dos Desbravadores. Este ano, no campori sul-americano realizado em Barretos, montamos uma exposição com temas criacionistas

por Ele para criar os seres vivos teria sido a evolução biológica. O evolucionismo teísta busca harmonizar a crença em um Deus Criador com os modelos evolutivos da ciência naturalista; no entanto, produz um imenso prejuízo para a mensagem bíblica da criação. O resultado é um efeito cascata que destrói todo o plano da salvação.

Assim, do ponto de vista do evolucionismo teísta não existiu o episódio da queda no Éden, a humanidade teria surgido como resultado da evolução e estaria naturalmente sujeita à degeneração, ao sofrimento e à morte. Se não houve queda, não há necessidade de um salvador. Afinal, salvar alguém de quê? Se não há salvador, não existe necessidade de redenção. Novamente, redimir alguém de quê? E não havendo redenção, nossa mais preciosa esperança, que é a breve vinda de Cristo, perde todo o sentido.

Portanto, temos que estar atentos a tudo aquilo que, da forma mais atrativa, nos desvia ou nos distancia da interpretação fiel da revelação bíblica com respeito às nossas origens.

### **Como apresentar a fé cristã e o criacionismo de forma inteligente a pessoas que acreditam no evolucionismo?**

Há quatro aspectos que considero ser fundamentais para que todo criacionista testemunhe sua fé:

*Convicção.* É preciso expressar a certeza de que a Bíblia fornece o fundamento e as bases de pesquisa, interpretação e compreensão do mundo à nossa volta.

*Conhecimento.* Para se fazer uma defesa fundamentada do criacionismo, é imperativo que o cristão tenha conhecimento e domínio necessário do assunto. Além de conhecer com profundidade os pontos fortes do criacionismo, é essencial se inteirar, muito bem, dos fundamentos da

argumentação evolucionista. Quem vai à guerra sem conhecer as armas do inimigo está fadado à derrota.

*Respeito.* O respeito ao próximo deve ser uma das qualidades distintivas do verdadeiro cristão criacionista, independentemente de quem seja seu interlocutor. O respeito aproxima as pessoas e abre as portas para o diálogo.

*Humildade.* Em se tratando de ciências empíricas, ninguém é dono da verdade absoluta. Afinal, não se pode reproduzir nem criação nem evolução em laboratório. Antes de tudo, vamos nos lembrar de que é mais importante ganhar pessoas do que argumentos.

Um ponto de partida interessante é permitir que eles se expressem e exponham seus pensamentos. Isso pode ser feito por meio de debates, palestras, grupos de estudo e concursos. Os temas podem abordar a complexidade da vida e o ajuste fino das propriedades do Universo, os quais, de forma inequívoca, apontam para um planejamento, propósito e projeto.

Outra maneira é mostrar que a Bíblia, embora não seja um livro científico, antecede à ciência em muitos relatos a respeito da natureza, como o formato da Terra e a pressão atmosférica.

A realização de seminários com a participação de cientistas criacionistas tam-

O evolucionismo teísta busca harmonizar a crença em um Deus Criador com os modelos evolutivos da ciência naturalista; no entanto, produz um imenso prejuízo para a mensagem bíblica da criação.

### **De que maneira os pastores podem ajudar os membros da igreja, especialmente jovens, a fortalecer a confiança no relato bíblico das origens e resistir à pressão evolucionista nas escolas e universidades?**

Atualmente, nossas crianças e nossos adolescentes são atraídos pelo entretenimento efêmero e descomprometido. Isso é provocado pela fluidez de um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar de forma rápida e imprevisível e sem espaço para o pensamento reflexivo. Assim, atrair o interesse para o tema das nossas origens não deixa de ser um desafio.

bém é uma boa estratégia para despertar a curiosidade e o interesse pelo criacionismo. De qualquer forma, o importante é que eles participem e estejam envolvidos em todas as iniciativas.

Nos últimos anos, a Igreja Adventista tem promovido em todo mundo a celebração do Sábado da Criação. Essa é uma oportunidade para chamar atenção dos membros para os reais propósitos de Deus ao criar um mundo exuberante e nos colocar como mordomos de Sua obra. Neste ano, o Sábado da Criação será realizado em 26 de outubro. Aproveite a oportunidade e celebre em suas igrejas. **M**

Diga-nos o que achou desta entrevista: Escreva para [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br) ou visite [www.facebook.com/revistaministerio](http://www.facebook.com/revistaministerio)

# Olhar analítico

## Um cientista criacionista compartilha suas ideias a respeito de Gênesis 1

*L. James Gibson*

Os adventistas do sétimo dia estão envolvidos na missão de compartilhar as boas-novas do caráter amorável de Deus e Seu plano de salvação à humanidade. Em Apocalipse 14:6, a criação é identificada como parte do evangelho a ser pregado ao mundo. Assim, uma interpretação adventista do relato das origens deve demonstrar como ele revela as boas-novas sobre Deus.

A Bíblia afirma que a criação foi um processo sobrenatural. Desse modo, nossa visão das origens é moldada pelo registro bíblico. Gênesis 1 é a principal passagem a respeito da criação nas Escrituras; contudo, o capítulo fornece apenas um esboço do que ocorreu, e o texto parece ter sido escrito como uma descrição fenomenológica, e não técnica, dos eventos. Isso deixa vários pontos na narrativa abertos a diferentes interpretações.

A natureza também fornece informações relacionadas às origens, mas estas são difíceis de interpretar, por ao menos

três razões. Em primeiro lugar, atividades sobrenaturais estão além do nosso entendimento. Ademais, a natureza foi alterada pelos efeitos do pecado. Por fim, os humanos podem interpretar erroneamente os dados da natureza. Por isso, embora as evidências naturais devam ser consideradas, as Escrituras devem ser o ponto de partida para uma abordagem adventista das origens. O estudo da natureza não deve ser ignorado, pois pode ajudar a esclarecer algumas ambiguidades do texto. No entanto, alguns mistérios permanecem mesmo depois de consultar tanto a Bíblia quanto a natureza. Neste artigo, como cientista cristão, quero apresentar minhas considerações ao ler o relato de Gênesis 1.

### No princípio

“No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1:1). Embora não saibamos quando, sabemos que o mundo teve um começo. Podemos encontrar evidências físicas para isso a partir da existência

de radioatividade. Se a Terra fosse eterna, não encontraríamos radioatividade nas rochas. Além disso, o Universo tem características que parecem indicar um início repentino, embora a teoria do Big Bang seja rejeitada por alguns cientistas.

Deus estava presente antes de todas as coisas, antes do tempo e do espaço. Nós reconhecemos a passagem do tempo pelos eventos no espaço. Se não houvesse espaço, não poderíamos observar nenhum evento e, portanto, não haveria tempo. Então, tinha que haver um começo de tempo e espaço, e Deus estava presente nesse início. De modo especial, é preciso ser dito que Cristo foi o agente divino na criação. João 1:1 a 3 afirma que “todas as coisas foram feitas por intermédio Dele, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez”.

Assim, no início, Deus fez o “os céus e a terra”. Existem diferentes opiniões sobre o que isso significa. Alguns intérpretes consideram que os céus e a terra se referem ao Universo inteiro, enquanto outros



Eyetronic / Adobe Stock

o nome de criação pelo *fiat* (“faça-se”, em latim). A criação pelo *fiat* parece ser fundamental no ensino bíblico das origens. Jesus trouxe o Universo à existência por meio de Sua palavra. Isso implica propósito ou intenção, e os cientistas reconhecem cada vez mais que o Universo parece ter sido projetado.

A narrativa segue dizendo que a Terra “estava sem forma e vazia” (Gn 1:2). Existem várias opiniões quanto ao significado desse versículo.<sup>3</sup> Alguns entendem que a Terra foi criada muito tempo antes da semana da criação e permaneceu sem forma e vazia até a ação descrita em Gênesis (teoria do “intervalo passivo”). Outros acham que o texto se refere ao breve período de tempo entre a criação inicial (v. 1) e a criação da luz (v. 3). Um terceiro grupo defende que Deus não criaria um mundo caótico, então, a Terra deve ter se tornado “sem forma e vazia” depois de uma criação anterior (teoria do “intervalo ativo”). Proponentes das duas primeiras

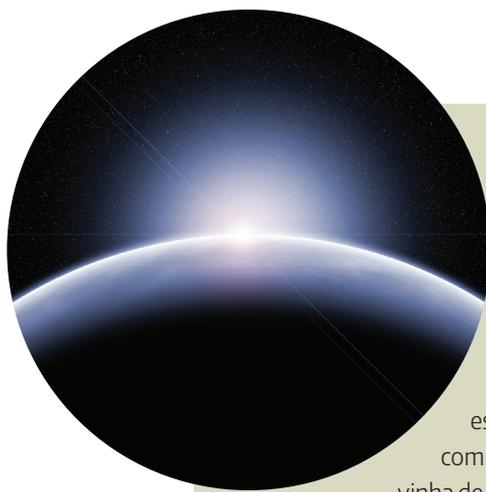
hipóteses reivindicam que declarações de Ellen White apoiam sua posição, mas a questão permanece sem solução. A terceira opinião não tem base escriturística e não deve ser considerada.

Certamente, Deus poderia ter criado a Terra e tudo que ela contém instantaneamente. Em vez disso, Ele criou em etapas, durante seis dias. Para mim, a sequência cuidadosa da criação indica um plano bem estruturado do Criador. Primeiro a Terra foi preparada para sustentar a vida, depois foi preenchida com seres vivos. O processo foi ordenado e proposital.

Alguns intérpretes<sup>4</sup> sugerem um paralelismo na narrativa: nos primeiros três dias, a “terra” foi “formada” para sustentar a vida; nos três últimos, ela foi “preenchida”. No entanto, o paralelo me parece imperfeito (por exemplo, os mares foram formados no terceiro dia e preenchidos no quinto), o que indica que o relato foi baseado na sequência real de eventos, sem a intenção de estruturar um paralelismo.

entendem que se relaciona apenas com a Terra. Ao menos três interpretações diferentes foram propostas.<sup>1</sup> Alguns consideram que Gênesis 1:1 se refere à criação do Universo em algum tempo não identificado no passado, com a semana da criação ocorrendo mais tarde. Outros pensam que o texto é somente uma introdução ao relato da semana da criação, referindo-se apenas ao nosso mundo. Há, porém, aqueles que consideram a passagem alusiva à criação do Universo durante a semana da criação. A Bíblia parece indicar que a Terra não foi a primeira parte do Universo a ser criada (Jó 1:6; 38:4-7).<sup>2</sup> Essa ideia é reforçada por evidências físicas, uma vez que, ao se observar as estrelas, nota-se que muitas delas estão tão longe que chegam a distar milhões de anos-luz de nós.

Quanto ao mecanismo físico utilizado por Deus não temos informação. No entanto, as Escrituras afirmam que tudo foi feito pelo poder de Sua palavra (Gn 1:3; Sl 33:6; Hb 1:2, 3; 11:3). Esse processo recebe



Bungbank / Adobe Stock

## Primeiro dia

No primeiro dia,<sup>5</sup> foi dada luz à Terra (Gn 1:3). Não sabemos como isso aconteceu. Existem pelo menos três possibilidades.<sup>6</sup> A primeira, de que essa luz vinha da presença de Deus, uma vez que o Sol foi criado no quarto dia. A segunda, de que essa luz vinha do Sol, que teria sido criado com a Terra, “no princípio”. Por fim, de que a luz vinha de alguma outra fonte, como uma supernova ou outro evento astronômico.

Os proponentes da primeira interpretação podem se apoiar em referências que apontam a luz que vem de Deus (Is 60:20; Ap 21:23; 22:5). Por outro lado, a segunda pode ser apoiada pela referência à “tarde e manhã” de cada dia (por exemplo, Gn 1:5), e também pela afirmação de Ellen White de que os dias da criação foram marcados pelo nascer e o pôr do sol.<sup>7</sup> Por fim, a terceira possibilidade parece menos provável; contudo, as três interpretações parecem consistentes com os ensinamentos das Escrituras. Essa questão será discutida mais adiante.



## Segundo dia

No segundo dia, Deus criou o “firmamento” ou os “Céus” (Gn 1:6-8). Isso é identificado como o lugar entre as camadas de água, que supomos ser as águas da superfície da Terra e as nuvens. Elas são separadas pela atmosfera, que foi criada no segundo dia. Alguns dizem que “Céus” refere-se a toda extensão estrelada, porque o Sol estava “no firmamento”. Entretanto, o texto pode ser

entendido como uma descrição fenomenológica, uma vez que o Sol apareceu na mesma região onde os pássaros voam. A existência de outros mundos que precedem o nosso (Jó 38:4-7) parece favorecer a leitura de que “Céus” se refere a uma área mais restrita. É desnecessário supor que o Universo inteiro separa nossos oceanos de uma cobertura aquosa “acima do firmamento”.

Outros afirmam que a referência a “firmamento” significa que os hebreus acreditavam que a Terra era uma superfície plana, sustentada por pilares e coberta por

Pavlo Vakhrushev | Adobe Stock



## Terceiro dia

No terceiro dia, as águas da superfície foram reunidas para formar os “mares” e expor a porção seca, que Deus chamou de “terra” (Gn 1:9, 10). Observe que “terra” aqui se refere ao solo, não ao planeta. O céu, a terra e os mares (Êx 20:11, Ap 14:7) são formados e preparados para os seres vivos. Agora eles serão preenchidos.

A vegetação foi criada no terceiro dia (Gn 1:11, 12). Observe que havia vários tipos de árvores frutíferas, cada uma com seu próprio tipo de fruta e semente. Alguns sugerem que são mencionados três tipos de plantas: “relva”, “ervas que davam semente” e “árvores que davam fruto”. Outros sustentam que “relva” é apenas um termo geral, e apenas dois tipos de plantas são apresentados. Em realidade, nenhuma interpretação parece ter qualquer significado teológico.

A frase “segundo a sua espécie” aparece aqui pela primeira vez. Nesse contexto, a sentença poderia significar “cada um tendo seu próprio tipo de semente”. Assim, a descendência de um tipo de planta deve ser distinguida da descendência de outros tipos. A propósito, parece que os hebreus não consideravam que plantas tivessem vida, por isso provavelmente não consideravam a “morte” vegetal como tendo significado moral.

Ballete Dorini | Adobe Stock

## Quarto dia

Provavelmente há mais controvérsia sobre os eventos do quarto dia do que a respeito de qualquer outro evento da semana da criação. Pelo menos três interpretações diferentes foram propostas. A primeira afirma que o Sol e a Lua não existiam até o quarto dia. Antes disso, a luz era fornecida pela presença de Deus. Tarde e manhã ocorriam enquanto a Terra girava diante do Senhor. A segunda defende que o Sol e a Lua existiam antes do quarto dia, mas eram obscurecidos por densas nuvens escuras. Elas teriam sido dissipadas um pouco no primeiro dia para fornecer luz, mas o Sol não era visível, tanto quanto não se pode vê-lo em um dia nublado. Desse modo, no quarto dia, o Sol e a Lua ficaram visíveis pela primeira vez. A última sustenta que o Sol e a Lua existiam antes do quarto dia e podiam ser vistos em todos os dias da criação. Entretanto, no quarto dia eles foram designados “para sinais, para estações, para dias e anos”.

O texto não indica qual interpretação está correta. Realmente não sabemos a resposta. De toda forma, Deus é o criador do Sol e da Lua. Ocorreu um evento no quarto dia da criação que resultou no estabelecimento desses luzeiros para marcar unidades de tempo e servir como sinais, como o Senhor determinou.

Além disso, alguns questionam se as estrelas foram criadas no quarto dia. O texto não especifica o tempo quando elas foram criadas. Pelo menos três interpretações foram propostas para entender essa questão: as estrelas foram criadas no quarto dia; as estrelas foram criadas por Deus, mas não se considera o tempo de sua criação; Deus criou a Lua para “governar a noite com as estrelas”.<sup>9</sup> A falta de pontuação no texto hebraico original deixa o versículo um pouco ambíguo. A visibilidade de estrelas a mais de 10.000 anos-luz de nosso planeta parece favorecer a segunda ou a terceira posição.



Kabanchik | Adobe Stock

uma cúpula metálica. Eles dizem que isso invalida o relato da criação, porque sabemos que a Terra não está coberta por uma cúpula metálica. Contudo, esse argumento é falacioso. Independentemente do que os hebreus pensavam sobre a estrutura da Terra, as águas da superfície do planeta e as nuvens aparecem separadas pela atmosfera, e parece razoável que tenha sido a atmosfera criada no segundo dia.<sup>8</sup> Note que Deus chamou o firmamento de “Céus”.



Damedias | Adobe Stock

## Sexto dia

No sexto dia, Deus povoou a terra com seres viventes (Gn 1:24, 25). Mais uma vez, os animais eram de várias espécies. Diferentes tipos foram criados simultaneamente, e desde o início existiu uma grande variedade. Nada é dito sobre uma biodiversidade que evolui de uma única forma ancestral, embora a língua hebraica seja capaz de expressar essa ideia.

Então, Gênesis 1:26 e 27 apresenta a criação da raça humana. O ser humano é singular entre toda a criação. Só ele foi criado à imagem de Deus. Só ele recebeu domínio sobre a natureza, com a responsabilidade de governá-la sabiamente. A Bíblia enfatiza a natureza distinta dos humanos em relação aos outros animais. Sua singularidade, especialmente em relação à mente, tem sido notada pelos cientistas.

Após receber a bênção e a ordem para reprodução da espécie e governo do planeta (Gn 1:27), o primeiro casal foi instruído quanto à alimentação (Gn 1:28). A vegetação foi criada para ser uma fonte de alimento para animais e seres humanos. Nada é dito sobre a predação aqui, outra razão pela qual defendo a ideia de que a reprodução cessaria quando a Terra estivesse cheia, descartando a “necessidade” da morte.

Agora a Terra estava formada e preenchida. Cada ato de criação preparou o caminho para o próximo. Deus realizou Seu propósito: criar homem e mulher à Sua imagem. O ponto culminante da história da criação, o estabelecimento do sábado, é descrito em Gênesis 2:2 e 3.

Cvijetic\_vila | Adobe Stock

Vandir Dorta Jr.

## Quinto dia

Gênesis 1:20 a 23 narra o povoamento das águas e do ar com seres vivos. Novamente, observe a expressão “segundo as suas espécies”. Ela parece se referir à variedade de tipos existentes. Essa interpretação sugere que a biodiversidade estava presente desde o início da vida nas águas e no ar. Não há indício aqui da criação de um único ancestral para produzir biodiversidade por meio de mudanças evolutivas.

Note ainda que os pássaros e animais marinhos deveriam se reproduzir e preencher o habitat disponível. Não é dito se a reprodução continuaria quando a Terra estivesse cheia. Com o propósito divino cumprido, a reprodução poderia cessar. Se esse for o caso, não haveria necessidade de morte. Se a reprodução continuasse, a morte poderia ser necessária. Baseado na revelação da vontade de Deus para a Nova Terra em Isaías 11 e 65, e em Apocalipse 21 e 22, acredito que a morte não era parte da criação original, embora existam opiniões diferentes sobre essa questão. De toda forma, o atual sistema ecológico não parece ser uma base para tirar conclusões sobre sistemas ecológicos em um mundo sem pecado.



## O sétimo dia

A criação não estava completa até que o sábado fosse criado, um dia de comunhão entre Deus e os seres humanos. Essa pode ser a razão pela qual Ele criou em seis dias ao invés de fazer isso instantaneamente. Ao estabelecer um ciclo de sete dias, com o sábado separado para comunhão e adoração, o Senhor indicou Seu propósito ao nos criar: ter companheirismo conosco.

Ao longo da narrativa, Gênesis indica que um plano está sendo seguido. Deus tenciona ter comunhão conosco. Esse plano foi interrompido pelo pecado, mas será retomado quando a Terra for renovada.

## As boas-novas da criação

Apocalipse 14:6 apresenta um anjo proclamando o evangelho, dizendo: “adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. Por que a criação bíblica é parte das boas-novas do tempo do fim?<sup>10</sup>

Primeiro, faz parte das boas-novas saber que o Deus Criador tem poder absoluto sobre a natureza. Porque Ele tem poder ilimitado, podemos confiar em Sua condução. Se a criação tivesse sido realizada por meio de longas eras de mudanças graduais, como poderíamos confiar na capacidade divina de intervir em nossa vida?

A criação da humanidade à imagem de Deus também é parte das boas-novas.

Mas, e se o mundo estiver evoluindo para uma melhor condição? Se esse for o caso, não é preciso dizer que ele começou muito mal! Isso seria uma péssima notícia sobre Deus. Contudo, a Bíblia afirma que o Senhor deu ao nosso mundo um bom início, e irá restaurá-lo a uma boa condição, assim que possível, sem violar nosso livre-arbítrio.

As boas-novas incluem outras ideias de Gênesis 1 a 11. O sábado do sétimo dia é um lembrete semanal de nossas origens e nosso relacionamento com o Criador. É um símbolo de fé no poder criativo de Deus. Além disso, a história da entrada do pecado no mundo é uma parte importante

## Conclusão

Conforme vimos, a história de nossas origens é parte vital de nossa compreensão acerca de nós mesmos e do mundo. Embora muitos detalhes da criação não sejam bem compreendidos, o relato de Gênesis fornece a base lógica para o evangelho. Tanto a ciência quanto as Escrituras contêm muitos mistérios, mas temos informação suficiente para entender que a criação é o resultado da ação intencional e sobrenatural de um Criador amoroso, e podemos compartilhar essas boas-novas com os outros. **TM**

## Referências

<sup>1</sup> Niels-Erik Andreasen, “The word ‘earth’ in Genesis 1:1”, <<https://tinyurl.com/y4w3h27x>>, acessado em 14/2/2019.

<sup>2</sup> Ver Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 41.

<sup>3</sup> Myron Widmer, “Older than creation week?”, *Adventist Review*, 13/8/1992, p. 4.

<sup>4</sup> Herold Weiss, “Genesis, Chapter One: A theological statement”, *Spectrum* 9 (4), p. 54-62.

<sup>5</sup> Gerhard F. Hasel, “The ‘days’ of creation in Genesis 1: Literal ‘days’ or figurative ‘periods/epochs’ of time?”, <<https://tinyurl.com/y23pmnz4>>, acessado em 14/2/2019.

<sup>6</sup> Larry G. Herr, “Why (and how) was light created before the sun?”, *Adventist Review*, 21/11/1985, p. 8, 9. Ver também Ariel Roth, *Origens* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), p. 307-310.

<sup>7</sup> Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 136.

<sup>8</sup> Um ponto de vista diferente se encontra em Larry Herr, “Genesis One historical-critical perspective”, *Spectrum* 13 (2), p. 51-62.

<sup>9</sup> Colin L. House, “Some notes on translating [‘and the stars’] in Genesis 1:16”, *Andrews University Seminary Studies* 25, p. 241-248.

<sup>10</sup> John T. Baldwin, *Creation, Catastrophe and Calvary* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000).

Tanto a ciência quanto as Escrituras contêm muitos mistérios, mas temos informação suficiente para entender que a criação é o resultado da ação intencional e sobrenatural de um Criador amoroso.

Isso estabelece um vínculo especial entre nós e Ele. Essa ligação explica por que o Senhor estaria interessado em nos resgatar dos resultados de nossas más escolhas. Se fôssemos apenas animais inteligentes, produto da evolução, por que Ele nos conferiria valor especial?

No fim da semana da criação, o Senhor viu tudo o que havia feito, e eis que era “muito bom”. Isso mostra que Ele não criou o mundo em sua condição atual. Sua vontade era que a criação permanecesse perfeita. As boas-novas são que morte, dor, predação e conflito serão abolidos, e um reino pacífico será estabelecido em breve (Is 11:6-9; 65:17-25; Ap 21:1-4; 22:1-5).

das boas-novas, pois explica por que nossa existência é repleta de miséria, sofrimento e morte. Deus valoriza o livre-arbítrio; por isso, deu à humanidade o poder de escolher o bem ou o mal e de experimentar os resultados de suas escolhas. A morte e outros males surgiram por conta das decisões humanas, não porque Deus é mau por natureza. O Senhor deseja nos resgatar de nossa miséria e providenciou um plano amoroso para nos redimir. Por fim, o dilúvio mostra que Deus é capaz de intervir, e que os erros serão corrigidos, algo que nos dá confiança de que Ele agirá para eliminar o mal e seus resultados. Isso também é uma boa-nova.



Gentileza do autor

**L. James Gibson**, doutor em Biologia, é diretor do Instituto de Pesquisa em Geociência, em Loma Linda, Estados Unidos

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br) ou visite [www.facebook.com/revistaministerio](http://www.facebook.com/revistaministerio)

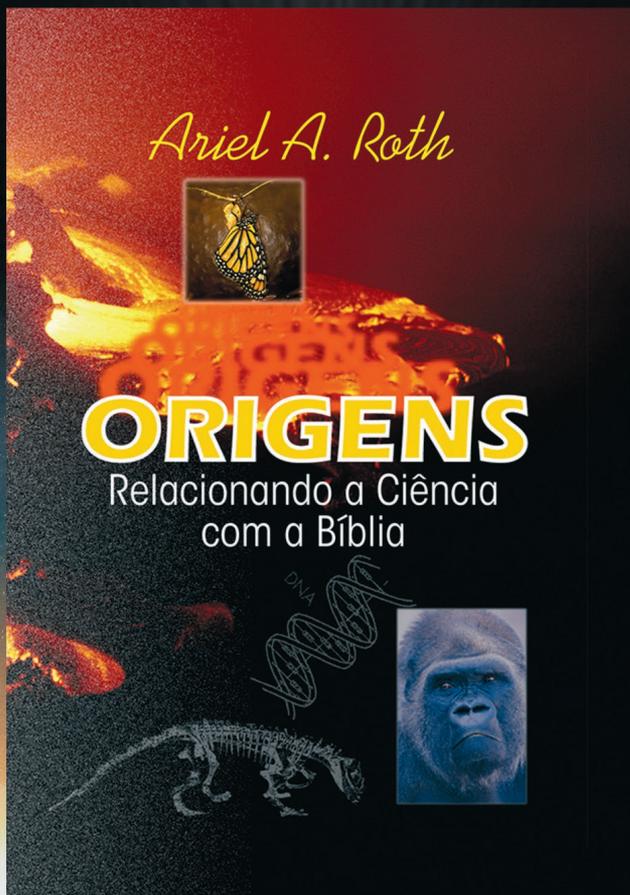
# REPENSE SEUS PONTOS DE VISTA SOBRE CIÊNCIA E BÍBLIA

MKT CPB | Fotolia

## Origens

Ariel A. Roth

O autor, cientista e cristão, procura demonstrar que a harmonia entre a ciência e a religião nos traz uma compreensão mais completa do mundo que nos cerca, o lugar ocupado pelo ser humano, e o significado de sua existência.



## Mistérios da Criação

L. James Gibson, Humberto M. Rasi

Durante séculos, a cultura ocidental esteve fortemente conectada à cosmovisão cristã. Por essa razão, a resposta para qualquer pergunta estava enraizada na crença em Deus.



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073  
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



# Relato confiável

Evidências arqueológicas indicam a veracidade de Gênesis 1 a 11

*Randall W. Younker*



**A**lguns dos capítulos mais controversos da Bíblia são Gênesis 1 a 11. Muitos cientistas argumentam que tudo no Universo, incluindo o planeta Terra e a vida nele, surgiu por meios naturais, sem nenhuma intervenção divina. Contudo, os primeiros 11 capítulos da Bíblia afirmam que Deus, pelo poder de Sua palavra falada, criou tudo: o Sol, a Lua, as estrelas, o planeta e toda a vida que há nele.

O principal desafio à alegação de Gênesis vem como resultado do estudo científico da natureza, chamada pelos cristãos de “segundo livro de Deus”. Ao estudar Geologia e Paleontologia, cientistas modernos observaram fenômenos nas camadas da crosta terrestre que julgaram exigir milhões de anos para se formar. Além disso, notaram uma sequência de fósseis na coluna geológica que, para

eles, sugere um processo de evolução de formas de vida simples para formas mais complexas e modernas. Finalmente, ao estudarem certos elementos radioativos nos estratos geológicos, os cientistas viram que as rochas mais baixas parecem ser muito antigas, algumas centenas de milhões de anos, e que as camadas superiores aparentemente demonstram menos idade.



James Steidl | Adobe Stock

Com base nestas observações – as camadas da crosta terrestre, a sequência dos fósseis e a datação radiométrica – os cientistas concluíram que a Terra levou milhões de anos para se formar. Essa conclusão amplamente aceita contradiz o entendimento comum do relato bíblico das origens: Deus criou a vida no mundo pelo poder de Sua palavra em seis dias literais, alguns milhares de anos atrás.

## Influência da ciência moderna

Desde os anos 1800, muitos estudiosos da Bíblia têm sido fortemente influenciados pelas descobertas da ciência nas áreas de Geologia e Paleontologia, bem como pela filosofia naturalista. Eles concluíram que a Bíblia também deveria ser vista através de uma lente naturalista. Assim, desconsiderando a própria descrição das Escrituras sobre o processo de revelação/inspiração, eles não estudam a Bíblia como um livro de origem divina, mas consideram-na uma obra puramente humana. Consequentemente, as Escrituras são reputadas como não confiáveis, uma vez que seres humanos são suscetíveis a erros.

Desse modo, para esses estudiosos, o fato de a Bíblia ter sido composta na antiguidade, antes do advento da ciência moderna, torna ainda mais provável que a descrição bíblica das origens seja errônea. Como reflexo dessa visão, os acadêmicos crítico-históricos propuseram um processo alternativo pelo qual a Bíblia veio a existir. Esse processo nega a origem sobrenatural das Escrituras, considerando que o texto é resultado de uma composição comum.

No caso de Gênesis, os estudiosos sugerem que o livro não foi escrito antes de 1450 a.C., por Moisés, um autor inspirado por Deus. Em vez disso, Gênesis foi escrito e editado por vários autores não identificados (muitas vezes referidos como J, E e P) e “redatores”, durante o período entre 1100 e 450 a.C. Os pesquisadores crítico-históricos oferecem várias linhas de evidência para suas reconstruções do Gênesis. Eles apontam para ocorrências no texto, como repetições do mesmo evento com terminologias ou fatos diferentes, aparentes contradições e anacronismos, na tentativa de mostrar a maneira complexa e diacrônica em que o livro foi composto. A identificação desses supostos problemas os levou a sugerir, por exemplo, que Gênesis 1 e 2 apresentam relatos contraditórios da criação, escritos em momentos diferentes e com propósitos distintos.

A rejeição a manifestações sobrenaturais também levou esses críticos a contestar qualquer alegação de milagre nas Escrituras, como a ideia de que Deus poderia criar a Terra e as diferentes formas de vida por meio de Sua palavra, durante um período de apenas seis dias. Eles preferem aceitar as conclusões defendidas pela ciência contemporânea, de que todas as coisas no planeta surgiram por meio de processos evolutivos naturais que duraram milhões de anos. Além disso, rejeitam a ideia de que toda a superfície da Terra, como a conhecemos, foi destruída por uma inundação iniciada por Deus. Para eles, não ocorreu nenhuma inundação global. E se houve alguma inundação, foi apenas local.

Os autores crítico-históricos também argumentam que o relato da criação em Gênesis está repleto de “ideias ingênuas” que, segundo eles, não podem ser historicamente verdadeiras ou cientificamente razoáveis. Por exemplo, eles afirmam que os hebreus possuíam uma cosmologia simplória. Reunindo diferentes textos bíblicos, e fazendo algumas suposições sobre o que os povos vizinhos do Oriente Médio pensavam, esses pesquisadores formularam o que eles pensam que os hebreus teriam acreditado sobre a natureza do Universo. Nessa formulação, os hebreus veriam os céus como uma tigela de metal oca, de cabeça para baixo, sobre uma terra plana, com o Sol, a Lua e as estrelas fixadas em um ponto mais baixo da cúpula, onde os humanos podiam vê-los à noite. A cúpula também foi pensada para ter comportas, permitindo o fluxo ocasional de água (chuva) das águas acima dos céus. Os críticos supõem que os antigos hebreus acreditavam em grandes mares subterrâneos e num inferno literal.

## Impacto sobre o pensamento cristão

Os conceitos científicos modernos também causaram um impacto significativo em certas escolas evangélicas de interpretação do Gênesis. O dilema para esses

pesquisadores é manter uma visão elevada das Escrituras (contra o pensamento crítico-histórico), reconhecendo as conclusões da ciência. A abordagem que adotaram foi “desliteralizar” os primeiros capítulos do Gênesis. Para eles, os dias da criação não são literais, e o dilúvio foi apenas local, se é que aconteceu. Isso lhes permite evitar que coloquem a veracidade da Bíblia contra o entendimento científico.

Essa abordagem interpretativa evangélica não literal do Gênesis tem sido duramente criticada por pesquisadores crítico-históricos. Por exemplo, James Barr (que rejeitava a literalidade do relato bíblico da criação, mas achava que o escritor

aquelas que estavam na arca”<sup>1</sup>. Os comentários de Barr mostram que, em sua opinião, a tentativa evangélica de desliteralizar o relato da criação em Gênesis não é aceitável.

## Respondendo às críticas

Os argumentos apresentados pelos estudiosos crítico-históricos para defender uma origem alternativa e não inspirada do Gênesis foram extensamente refutados por eruditos bíblicos que rejeitam o método crítico-histórico. Por exemplo, uma análise cuidadosa da palavra “dia” (*yom*) no relato da criação mostra que ela não representa um período de tempo indefinido,

história do pensamento crítico-histórico mostra que foram os pesquisadores do século 19 que criaram o conceito no qual os povos antigos (hebreus e outros) concebiam uma Terra plana com um céu em formato de cúpula metálica.<sup>5</sup>

Outros desafios referentes à unidade e antiguidade do relato da criação/dilúvio também foram refutados. Por exemplo, a presença de repetições do mesmo evento com terminologias ou fatos diferentes (dois nomes diferentes para Deus [*Elohim* e *Yahweh*]<sup>6</sup> e o relato da história da criação em Gênesis 1 e 2) demonstrou ser uma técnica narrativa comum na literatura do Antigo Oriente Médio; assim, não reflete necessariamente a existência de mais de um autor.<sup>7</sup>

Aparentes contradições – tais como se as plantas foram criadas no terceiro dia da semana da criação (Gn 1) ou não foram acrescentadas até que a semana da criação tivesse terminado (Gn 2) – foram convincentemente explicadas. No exemplo mencionado, as palavras hebraicas para “plantas” em Gênesis 1 são diferentes daquelas usadas no capítulo 2.<sup>8</sup> As plantas criadas no terceiro dia, no capítulo 1, são árvores frutíferas adequadas para alimentação. Em contraste, as plantas encontradas em Gênesis 2 incluem espinhos e cardos, ou certas plantas parecidas com gramináceas, que requerem trabalho considerável para levar à colheita. O contexto de Gênesis 2 mostra claramente que esse segundo grupo surgiu como resultado do pecado.

Finalmente, o aparecimento dos chamados anacronismos em Gênesis, por exemplo, a menção a tendas e camelos no segundo milênio a.C., mostrou-se, em muitos casos, não ser de modo algum anacronismo. O renomado egiptólogo Kenneth Kitchen demonstrou que as tendas eram comuns no Antigo Oriente Médio no segundo milênio, exatamente como a Bíblia descreve.<sup>9</sup> Da mesma forma, a presença de camelos antes da época de Davi também

As características literárias em Gênesis 1 a 11 sugerem que o autor pretendia fornecer uma narrativa literal dos primórdios da história da Terra, não apenas uma declaração teológica ou uma representação não literal da criação.

de Gênesis o aceitava), escreveu: “Tanto quanto sei, não há professor de hebraico ou de Antigo Testamento em nenhuma universidade de renome mundial que não acredite que o(s) escritor(es) de Gênesis 1 a 11 pretenda(m) transmitir a seus leitores as ideias de que: (1) a criação ocorreu em uma série de seis dias de 24 horas que agora experimentamos; (2) as pessoas apresentadas nas genealogias de Gênesis forneceram, pelo simples acréscimo, uma cronologia desde o início do mundo até os últimos estágios da história bíblica; e (3) o dilúvio de Noé foi mundial e extinguiu toda a vida humana e animal, exceto

mas um dia literal de 24 horas.<sup>2</sup> Assim, a Bíblia afirma que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo.

Da mesma forma, uma análise da palavra hebraica para “dilúvio” (*mabbul*) demonstra que o termo é exclusivo para designar uma inundação global que levou à destruição literal do mundo inteiro, uma reversão dos atos divinos da semana da criação.<sup>3</sup> Quanto à ideia de que os hebreus tinham uma visão simplória do cosmos, estudos recentes da palavra hebraica para “firmamento” (*raqia*) mostram que ela não significa uma tigela de metal invertida.<sup>4</sup> De fato, uma revisão da

foi bem documentada nos últimos tempos.<sup>10</sup> Tive o privilégio de contribuir para essa conclusão, ao descobrir um antigo petróglifo (gravura em pedra) de um homem puxando um camelo com uma corda no contexto da Idade do Bronze (pré-1400 a.C.), ao norte do local tradicional do Monte Sinai (*Wadi Nasib*).

Uma série de características literárias de Gênesis, como a estrutura de Gênesis 1 a 11, são mais típicas do segundo milênio a.C. do que do primeiro, sugerindo que grande parte do livro reflete os tempos antigos. Por exemplo, existem várias “histórias primitivas” do segundo milênio, como a acadiana “Epopéia de Atrahasis” e a sumeriana “Gênesis de Eridu”, que têm uma série de similaridades com Gênesis 1 a 11. Entre elas, destaca-se a organização por partes. Os três relatos contêm três seções: uma história de criação, o surgimento de um problema e um julgamento por inundação.

Embora antigas culturas mesopotâmicas tenham produzido histórias de inundação (como a Epopeia de Gilgamesh) e criação (como Enuma Elish) posteriores, essas versões não eram mais histórias primitivas “completas”, contendo os três elementos: criação, problema e inundação.<sup>11</sup> O fato de que eles se encontram em Gênesis indicam que o livro foi escrito no mesmo período que os textos mesopotâmicos similares. Isso se encaixa com a noção bíblica de que Moisés escreveu Gênesis algum tempo antes de 1400 a.C. Naturalmente, o relato das Escrituras difere significativamente dos textos mesopotâmicos. De fato, vários eruditos notaram que o autor de Gênesis estava deliberadamente desafiando as versões similares por ser “polêmico”.<sup>12</sup> Ou seja, Moisés estava discordando da versão mesopotâmica da criação, alegando apresentar a versão correta de como as coisas passaram a existir.

Observe que várias características literárias em Gênesis 1 a 11 sugerem que o

autor pretendia fornecer uma narrativa literal dos primórdios da história da Terra, não apenas uma declaração teológica ou uma representação não literal da criação, como um poema, parábola, saga, mito ou outras formas literárias.

Primeiro, a unidade da narrativa de Gênesis 1 a 11 continua no restante do Gênesis e, de fato, alcança o livro de Êxodo. Juntos, eles contam uma história contínua da criação, que passa pela jornada de Abraão, Isaque, Jacó e José, chega à mudança para o Egito e finda no Êxodo. Em realidade, muitos eruditos identificaram a história da criação de Gênesis 1 a 11 como um prólogo do restante do Pentateuco.

Segundo, existe uma construção gramatical hebraica, o *vav* consecutivo, que é tipicamente usada para narrativas históricas (como encontrado em livros como Crônicas e Reis). O *vav* consecutivo também é visto no relato da criação, sugerindo intencionalidade e propósito histórico para a narrativa.

Uma terceira característica literária aponta claramente para o “impulso histórico” desses capítulos: o surgimento de fórmulas *toledoth*, geralmente traduzidas como “são estas as gerações dos...”. Finalmente, muitos elementos nas histórias primitivas paralelas do Antigo Oriente Médio podem ser mostrados como históricos.<sup>13</sup>

## Conclusão

Tomadas em conjunto, as evidências sugerem que é razoável concluir que (1) Gênesis é de fato uma obra literária primitiva, produto do segundo milênio a.C.; (2) o texto foi composto como um relato unificado, embora possa ter havido algum trabalho editorial menor em momento posterior; e (3) o texto foi escrito para ser entendido como um relato autêntico das origens da Terra, ensinando que o mundo foi criado em seis dias literais e depois destruído por um dilúvio global. **TM**

## Referências

- <sup>1</sup> James Barr, em carta para David C. C. Watson, 23/4/1984.
- <sup>2</sup> Gerhard F. Hasel, “The ‘days’ of Creation in Genesis 1: Literal ‘days’ or figurative ‘periods/epochs’ of time?”, <<https://tinyurl.com/y23pnmz4>>, acessado em 18/2/2019.
- <sup>3</sup> Kenneth A. Mathews, *The New American Commentary: Genesis 1–11:26* (Nashville, TN: Broadman and Holman, 1996), p. 365, 366.
- <sup>4</sup> Robert C. Newman, *The Biblical Firmament: Vault or vapor?* (Hatfield, PA: Interdisciplinary Biblical Research Institute, 2000), p. 150.
- <sup>5</sup> Jeffrey Burton Russell, *Inventing the Flat Earth* (Westport, CT: Praeger, 1991).
- <sup>6</sup> Kenneth A. Kitchen, *Ancient Orient and Old Testament* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1966), p. 121-123.
- <sup>7</sup> Isaac M. Kikawada, “The double Creation of mankind in Enki and Ninmah, Atrahasis 11–351, and Genesis 1–2,” *Iraq* 45 (1983), p. 43-45; Duane Garrett, *Rethinking Genesis: The sources and authorship of the first book of the Pentateuch* (Grand Rapids, MI: Baker, 1991), p. 21-25.
- <sup>8</sup> Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis* (Jerusalém: Magnes Press, 1964), especialmente a discussão sobre as plantas de Gênesis 1 e 2.
- <sup>9</sup> Kenneth A. Kitchen, *The Bible in Its World: The Bible and archaeology today* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1977), p. 58, 59; James Hoffmeier, “Tents in Egypt and the Ancient Near East,” *Journal of the Society for the Study of Egyptian Antiquities* 7, 3 (1977), p. 13-28.
- <sup>10</sup> Kenneth A. Kitchen, *On the Reliability of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003), p. 338, 339.
- <sup>11</sup> Kitchen, *The Bible in Its World*, p. 31-36; *On the Reliability of the Old Testament*, p. 422-427 para uma discussão mais ampla.
- <sup>12</sup> Gerhard F. Hasel, “The polemic nature of the Genesis cosmology,” *Evangelical Quarterly* 46 (1974), p. 81-102.
- <sup>13</sup> Para uma discussão sobre a historicidade das narrativas de Gênesis, ver Raymond B. Dillard e Tremper Longman III, *An Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), p. 49, 50; e Kitchen, *On the Reliability of the Old Testament*, p. 422-427, que discutem os aspectos históricos dos primeiros relatos de Gênesis em seus antigos contextos literários do Oriente Médio. Contudo, deve-se notar que Longman e Kitchen não aceitam a narrativa literal da criação, em Gênesis 1 a 11.



Gentileza do autor

**Randall W. Younker**, doutor em Arqueologia, é diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade Andrews

# Pane no ministério

Como reequilibrar a vida quando as provas e frustrações nos desviam do caminho da vitória

Diogo Cavalcanti

Fim de 1856. Um metro de neve cobria a paisagem de Waukon, Iowa. Alguém gritou para John, que no momento trabalhava como carpinteiro na construção de uma loja: “O irmão e a irmã White estão aqui no trenó!” John mal podia acreditar. As estradas estavam interditadas. Muitos esperavam o tempo melhorar para transitar por ali. Como eles poderiam ter chegado? Ao descer, ele se deparou com aquela voz familiar cortando o ar gélido: “Que fazes aqui, Elias?”

O pastor à paisana mal podia acreditar. Havia deixado o ministério para ganhar algum dinheiro. Faltavam-lhe palavras para respondê-la. Chocado, devolveu timidamente: “Estou trabalhando com o irmão Mead, como carpinteiro.” Mais uma vez Ellen lhe perguntou à queima-roupa: “O que fazes aqui, Elias?” Confuso, John percebeu que tinha algo a ouvir, quando ela o questionou pela terceira vez: “Que fazes aqui, Elias?” Mais tarde, John descobriu que ela havia sido instruída a saudá-lo exatamente

com aquelas palavras que o fizeram voltar ao ministério.<sup>1</sup>

A história de Elias tem um profundo significado para o povo do advento. O mesmo espírito da obra de Elias deve caracterizar o povo que preparará o caminho da segunda vinda. Contudo, essa história também fala como nenhuma outra ao coração do pastor, assim como falou a John Loughborough, quando foi chamado novamente à obra do evangelho. A história de Elias aviva a chama da missão por vezes apagada pelas frustrações e pensamentos mesquinhos que invadem a mente. A seguir, refletiremos sobre algumas lições valiosas dessa história.

## Herói fugitivo

O ministério de Elias havia sido designado ao Reino do Norte, mas os pés do profeta caminhavam para o sul. Elias fugia da ameaça de Jezabel, a rainha sidônia esposa de Acabe. Com o reino mergulhado em apostasia, trocando a adoração do

Deus vivo pela devoção a Baal, Elias havia demonstrado sobre o monte Carmelo quem era o verdadeiro Deus. Yahweh enviou fogo do céu para consumir o sacrifício. O povo, que acompanhava tudo com interesse, prostrou-se e gritou: “O SENHOR é Deus!” (1Rs 18:39).

Como não havia ocorrido nos últimos três anos, um temporal desabou sobre as rachaduras da terra, abertas como bocas sedentas. Elias correu diante do carro de Acabe, em um gesto de paz. O profeta acreditou que as dúvidas haviam sido dissipadas. Creu piamente que uma reforma reverteria a situação. Como a chuva prometia vida aos torrões castigados pela seca, a ligação espiritual de Israel com o Senhor renasceria com nova força.

Contudo, as esperanças de Elias dariam de frente contra o muro da casa real. Jezabel enviou um mensageiro para dizer ao profeta que ele seria morto no dia seguinte. O mesmo mensageiro poderia tê-lo matado, mas não o fez porque a rainha



Freedom\_wanted / iAcobbe Stock

Os olhos da fé enxergam a presença de Deus mesmo nas horas mais escuras.

## Psicologia da desistência

O homem que até ali parecia invencível derreteu paradoxalmente sob uma chuva de bênçãos. Por um momento, Elias pensou apenas em si, deixando de olhar para o Deus que havia respondido à sua oração no Carmelo horas antes. O profeta de Yahweh tinha enfrentado o rei e vencido um exército de falsos profetas. À sua palavra, fogo e água caíram do céu. Contudo, no momento de sua maior vantagem pública, quando ele poderia dar as regras do jogo, desistiu. Mais tarde, ele mesmo avisaria a Acabe sobre o fim de Jezabel (1Rs 21:23).

A notícia do mensageiro foi a gota d'água para o profeta molhado pela chuva. Revelou o efeito da pressão sob a qual Elias havia resistido por três anos. Após os tempos como fugitivo e o desafio do Carmelo, estava fisicamente abalado. E foi nesse momento de fraqueza que Satanás o atacou. Em se tratando de seres humanos, não existe vitória absoluta – uma que absorva e neutralize todas as derrotas e ameaças (1Co 10:12). A vitória só se ganha e se sustenta enquanto estiver amparada em Deus.

Elias fugiu por “sua vida” (1Rs 19:6). O desmoronamento ocorreu quando começou a pensar apenas em si. Em última instância, foi covarde e egoísta. Como consequência, entregou-se ao desespero. Chegou a pedir a morte (1Rs 19:4), e esse pedido nos revela uma profunda contradição: Elias pede a morte, da qual tinha fugido, e exatamente no prazo que Jezabel tinha lhe dado. Sua fuga era irracional.

Um profeta sem missão não tem razão para viver. Pastores sem missão não encontram razão para viver, não têm um sorriso nem um abraço genuíno para dar às ovelhas. Não podemos perder o foco no meio da carreira ministerial. O brilho dos olhos não pode se deslustrar. Na caminhada, corremos o risco de olhar apenas para nossas necessidades particulares,

era cruel. Queria vê-lo sofrer. Deu-lhe um prazo de 24 horas para ter o prazer de torturá-lo.

Nesse momento, o homem, que até ali parecia um superprofeta, invulnerável e invencível, desmoronou. “Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos” (Tg 5:17). De repente, passou a trabalhar para salvar a própria pele. Deixou seu servo em Judá e prosseguiu para o sul, rumo ao deserto, para longe de tudo.

## Frustrações paralisantes

Por mais preparados que sejamos, não estamos imunes às frustrações e aos desânimos. Quase sempre não estamos prontos quando as grandes decepções vêm. O inimigo de Deus sabe reverter nossas maiores vitórias. Quando achamos que estamos vencendo na vida, que está tudo certo, ele vem com seus golpes rasteiros. Diante de nossas expectativas, ele provoca as decepções mais amargas. Frustração tem o gosto invertido da vitória. Trata-se

de uma conquista quase alcançada, mas completamente perdida.

Em sua humanidade, Elias falhou. Caso resistisse apenas mais um pouco, Jezabel seria desmoralizada e vencida. “Tivesse ele ficado onde estava, tivesse feito de Deus seu refúgio e fortaleza, permanecendo firme pela verdade, e teria sido abrigado do perigo. O Senhor lhe teria dado outra assinalada vitória, enviando Seus juízos sobre Jezabel; e a impressão feita sobre o rei e o povo teria dado lugar a uma grande reforma.”<sup>2</sup>

Faltou confiança no Deus que havia respondido com fogo do céu. Faltou tranquilidade no coração cansado de carregar o mundo nas costas. Como pastores, há momentos em que sofremos grandes decepções. Um filho, um acidente, um assalto, um tumor... Devemos nos preparar. Os olhos devem ser ungidos pela fé. Eliseu, cercado por um exército, afirmou: “Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles” (2Rs 6:16).

buscar vantagens pessoais, nos esquecer do Senhor e dos ideais que nos movem. Nossa razão para viver se encontra no Senhor, e ela só se completa quando trabalhamos junto Dele pelas ovelhas que Ele nos confiou.

## Soldado ferido

Deus não desiste dos servos que desistem Dele. Diante da fuga de Elias, Deus não o abandonou, mas enviou ajuda. Assim como Jezabel havia mandado um mensageiro (*mal'ã*) para levar Elias ao desespero, Deus também enviou outro mensageiro (*mal'äg*, palavra hebraica para “anjo”), mas para lhe dar esperança. A mensagem que

“água” (v. 5). Às vezes, é disso que o obreiro exausto mais precisa: um pouco de sono, descanso, água e alimento saudável para se refazer e voltar ao trabalho com energia (Mc 6:31). Agenda lotada não é um mérito em si, e o repouso tem seu valor.

Elias ainda teria um caminho, e ele seria longo. Entretanto, o anjo não disse aonde o profeta tinha que ir. Apesar de ter uma missão e esperando no norte, Elias decidiu ir para o sul, numa viagem ainda maior, de 400 km, para o Horebe, ou monte Sinai. O profeta fugitivo queria voltar ao marco zero da aliança. Elias acreditava que precisava de uma audiência com Deus, que de fato iria acontecer.

“Onde está teu irmão, Elias? Longe de onde você está agora.”

A resposta de Elias à pergunta de Deus revela seu ponto cego. “Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a Tua aliança, derribaram os Teus altares e mataram os Teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida” (1Rs 19:10). Ele cria ser o último fiel, mas estava equivocado, como o próprio Deus demonstrou mais adiante. Elias se comportou como o filho mais velho da parábola do filho pródigo, porém em um caso um pouco mais agudo: Enquanto o irmão mais velho reclamava do mais novo, Elias achava que não tinha mais irmãos, que era filho único. A ideia da porta fechada é recorrente. Os israelitas pensavam que só eles eram objeto do amor de Deus. Os apóstolos acreditaram por um bom tempo que só deviam pregar para judeus em todas as nações e não a todas as nações. Da mesma forma, após o Grande Desapontamento, os adventistas sabatistas acreditaram, por quase uma década, que só deviam pregar aos ex-mileritas. É lógico que existem problemas na igreja, e eles precisam ser resolvidos, mas nunca devemos excluir os outros nesse processo. Nossa função é interceder por eles e trabalhar pela solução.

## Pedagogia divina

Do ponto de vista divino, o profeta Elias deveria experimentar uma mudança antes de exigí-la do povo. Se ele quisesse reviver a experiência de Moisés, deveria agir como seu antecessor. Moisés subiu ao monte em favor do povo. Elias subiu ao monte por si mesmo. Moisés subiu o monte para interceder pelo povo, Elias subiu o monte para acusá-lo. Elias pediu a morte, absorvido em si mesmo. Moisés se ofereceu para morrer, se com isso pudesse salvar seu povo (Êx 32:32). Não é função do profeta destruir o povo, mas ser destruído por ele, se assim for preciso. Jesus é o exemplo máximo nesse aspecto. O profeta tem uma

Pastores sem missão não encontram razão para viver, não têm um sorriso nem um abraço genuíno para dar às ovelhas. Não podemos perder o foco no meio da carreira ministerial.

serviu para reerguer a nação da apostasia também era indispensável ao profeta, que precisava ser reerguido. O evangelho é um remédio que o evangelista deve distribuir ao povo, mas o qual ele também não pode dispensar.

O mensageiro angelical de Deus não dirigiu nenhuma repreensão a Elias. Não lhe apontou o dedo. Quando erramos, Deus nunca se apresenta para nos humilhar. “Jesus não permitiu que o inimigo o puxasse [Elias] para dentro do lamaçal da incredulidade, ou o jogasse no lodaçal do desânimo e do desespero.”<sup>3</sup>

O bem-estar do profeta abatido também dependia de seu equilíbrio físico. Assim, Deus atendeu às suas necessidades imediatas: sono, comida e água. Após descansar, Elias se levantou e viu “um pão cozido sobre pedras em brasa e uma botija de

## Restaurando a visão

Por trás da falha de Elias havia grandes equívocos em sua mente. Assim como Deus o havia consolado, teria também de confrontá-lo. Quando o profeta chegou ao Horebe, Deus lhe perguntou: “Que fazes aqui, Elias?” (1Rs 19:9). Se Elias pretendia visitar Deus, aquelas não eram as melhores boas-vindas.

Além da repreensão, a pergunta serviu para fazer Elias repensar seus conceitos. Depois de ter restaurado física e emocionalmente o profeta, Deus pretendia renovar sua visão espiritual. A pergunta de Deus lembra as mais clássicas do Gênesis: “Onde estás?” e “Onde está teu irmão?” (Gn 3:9; 4:9). De modo curioso, é possível estabelecer uma relação entre elas. “Onde você está, Elias? Longe de onde você deveria estar”.

função dupla – não só representa a Deus diante do povo, mas representa o povo perante Deus (Ez 14:14).

Ao subir o monte Horebe, após 40 dias de jejum e entrar numa caverna, a comparação com Moisés torna-se inevitável (1Rs 18:8, 9). Provavelmente, a caverna mencionada tenha sido a mesma fenda de onde Moisés viu a glória de Deus, pois, no original se lê “a caverna” (*hammā’ārāh*), e não “uma caverna”, supondo-se que o leitor já saiba de qual se trata. O Senhor, então, proporciona ao profeta fugitivo uma experiência semelhante à de Moisés, para que Elias entendesse Seu caráter.

No monte Horebe, Moisés pediu que Deus permitisse ver Sua glória. Em resposta, Deus disse que faria passar toda a Sua bondade diante dele (Êx 33:18, 19). Fica claro que a maior glória de Deus não está em Sua força, mas no Seu caráter bondoso. Mais do que poder e justiça, Deus proclamou a Moisés Sua bondade e misericórdia. “Tendo o SENHOR descido na nuvem, ali esteve junto dele e proclamou o nome do SENHOR. E, passando o SENHOR por diante dele, clamou: SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia” (Êx 34:5, 6).

No monte Horebe, Elias precisava contemplar essa bondade divina. O Senhor, então, chamou Elias para fora da caverna, para assistir a um “filme”, a fim de que aprendesse algo. Deus “passava” diante dele, enquanto três poderes destruidores agiam: um forte vento, um terremoto e um fogo, mas o Senhor não estava em nenhum deles. Por fim, Elias sentiu uma brisa suave (1Rs 19:11, 12).

O fogo que Elias viu deve tê-lo lembrado das furiosas chamas que caíram no Carmelo, mas destrutividade e pirotecnia não são a essência do caráter divino. Por mais que o povo tivesse apostatado e merecesse punição, Deus não o rejeitaria, nem o destruiria sem fazer tudo o que fosse possível por eles. O Senhor não tem prazer na

morte do perverso, mas em que ele se converta (Ez 33:6). Jesus repreendeu alguns discípulos com propensões incendiárias (Lc 9:55, 56).

João Batista, o anunciador da primeira vinda de Cristo, não fez nenhum milagre, mas o povo reconhecia que tudo o que ele tinha dito sobre Jesus era verdade (Jo 10:41). Da mesma forma, os pregadores da segunda vinda não devem enfatizar os milagres divinos, tampouco a exibição da glória humana. Devem pregar a Palavra de Deus: “O reino de Deus não vem com aparência exterior. Vem mediante a suavidade da inspiração de Sua Palavra, pela operação interior de Seu Espírito.”<sup>14</sup> Deus representa Sua ação como um vento suave, singelo e silencioso sobre o coração. Isso lembra a ação invisível do Espírito Santo (Jo 3:8).

Apesar de toda a magnífica aula, o profeta ainda não havia captado a lição. Deus fez novamente a pergunta, mas Elias deu a mesma resposta errada (v. 13, 14). Então, por fim, o Senhor apresenta um plano de ação para conter a apostasia, como resposta à reclamação do profeta: (1) O uso da força por dois reis – se os profetas de Deus haviam morrido à espada, Elias deveria ungir dois líderes que punissem com a espada. (2) A manifestação da palavra profética por um novo escolhido – se o profeta atual não estava captando a mensagem da bondade de Deus, Ele levantaria outro em seu lugar. A ação dos três seria coordenada: “Quem escapar à espada de Hazeel, Jeú o matará; quem escapar à espada de Jeú, Eliseu o matará” (1Rs 19:17). Como Deus tinha mostrado o símbolo de três poderes destruidores, então Ele apontou a Elias três instrumentos destruidores, embora Eliseu não usasse uma espada literal, mas a Palavra de Deus. Entretanto, nem tudo estava perdido. Surpreendentemente, Deus lhe revelou que conservava em Israel 7 mil que não haviam servido a Baal (1Rs 19:18). O profeta não era o único fiel.

Elias saiu dessa experiência com uma nova visão de Deus, do povo e de seu ministério. Dali em diante, ele superou o medo e voltou ao posto do dever para estar face a face com Acabe e Jezabel. Sua história se estabelece como um modelo profético e de ministério em tempos de crise e reforma espiritual. Em Malaquias, um ministério semelhante ao de Elias serviria para o livramento do povo de Deus (Ml 4:5, 6). Elias se transformou num símbolo da preparação para a primeira e a segunda vinda de Cristo.

Deus pergunta hoje para você: “Que fazes aqui?” Como está seu coração? Concentrado em suas questões pessoais ou em cumprir a missão que o Senhor lhe confiou? É possível que você esteja como John Loughborough, pensando em abandonar sua obra espiritual e seguir por caminhos menos penosos e aparentemente mais compensadores. Se você estiver desanimado, sofrendo por algum motivo, saiba que Deus cuida de você assim como tomou conta de Elias. Entretanto, lembre-se de que o Senhor sempre tem algo a ensinar sobre Si, nós mesmos e os outros. Não fuja de sua responsabilidade. Não se queixe dos outros, mas interceda por eles. Confie em Deus, e Ele cuidará de sua vida. Que o Senhor o capacite a superar as limitações e a reafirmar seus pés no caminho do ministério. **M**

## Referências

<sup>1</sup> John Loughborough, *Miracles in My Life* (Payson, Arizona: Leaves-of-Autumn Books, 1987), p. 47.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 160.

<sup>3</sup> Ellen G. White, *Cristo Triunfante* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 164.

<sup>4</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 36, 37.



**Diogo Cavalcanti**, mestre em estudos da Bíblia Hebraica, é coordenador editorial de livros na Casa Publicadora Brasileira

# Antes e depois da fé

## O princípio, fundamento e permanência da lei na dinâmica da salvação

Ruben Aguilar

Nos textos do Antigo Testamento, a justificação é apresentada por meio de um processo que demandava a realização de ritos e cerimônias ilustrativas (Lv 1-7; 16) que apontavam para o ministério e sacrifício de Jesus. A ênfase desse processo estava no cumprimento da lei, ou da Aliança (Êx 24:8), que tinha como elemento essencial o sacrifício do cordeiro (Êx 12:5; Is 53:7). Isso, porém, não anulava o papel da fé na dinâmica da salvação. Após a morte, ressurreição e ascensão de Cristo, as leis cerimoniais alusivas a Seu ministério deixaram de vigorar, uma vez que a sombra se encontrou com a realidade. Assim, o ensino do Novo Testamento passou a destacar o papel da fé necessária para uma pessoa ser justificada.

Entretanto, ao longo dos séculos, o cristianismo, ou melhor, o catolicismo, criou práticas religiosas com as quais originou o dogma da salvação pelas obras. No século 16, após o surgimento da Reforma, a fé se tornou a virtude exaltada para obter a justificação (*sola fide*): “o homem é justificado pela fé” (Rm 3:28), anulando a vigência da lei: “ninguém será justificado por obras da lei” (Rm 3:20).

A rigor, porém, o conceito *sola fide* padece de uma anomalia doutrinária, por eliminar a vigência da lei. Em sua definição, a lei não exerce função eficiente na justificação, mas mantém seu fundamento ou origem, e seu papel como princípio de toda existência. Este artigo, portanto, confirma a manifestação da fé como fundamento da justificação: “justificados, pois, mediante a fé” (Rm 5:1). Além disso, reflete a afirmação

apostólica de que “sem lei não há pecado” (Rm 7:8), e pretende situar a lei em sua condição como princípio de toda existência, e seu fundamento como dom de Deus, vigente antes da fé e depois dela. A justificação não depende da lei, mas é inerente a ela. Sem lei não há vida, e vida eterna.

### O fundamento da lei

Emitir um conceito sobre algo abstrato como a lei é uma tarefa limitada, em virtude da dificuldade de se exprimir com precisão o significado do termo. Daí a razão pela

qual há dezenas de conceitos sobre ela, alguns mais identificados com suas finalidades. Em síntese, podemos conceituar a lei como norma ou conjunto de normas que orientam o comportamento das pessoas.

Como norma, a lei pode ser elaborada sobre o fundamento da razão individual, do consenso de uma sociedade organizada ou, no caso das nações constituídas, da vontade do poder legislativo. Quando a lei visa ao bem-estar integral das pessoas, seu fundamento reside na vontade de Deus, independentemente de se



originar como fruto da razão individual ou do consenso social. Em essência, eles refletem a lei divina, de onde também procede sua autoridade, quer os envolvidos em sua formulação reconheçam ou não a existência de Deus (Rm 13:1, 2). Assim, podemos afirmar que o fundamento da lei está na vontade divina.

Estudos científicos afirmam que tudo na natureza está sob a regência de leis. Os elementos minerais, incluindo os corpos estelares, estão sujeitos aos princípios das leis físicas e químicas. Os seres dos reinos vegetal e animal, além de serem regidos pelas leis mencionadas, seguem as leis biológicas. Considerando o comportamento de todos os seres do Universo, pode-se concluir que há dois tipos de leis: as leis naturais, aplicadas aos minerais, vegetais e animais, e as leis morais, aplicadas de forma singular e exclusiva ao ser humano, escritas na mente e no coração (Jr 31:33).

Cabe aqui um esclarecimento quanto à posição da raça humana na classificação

dos reinos. De acordo com suas características físicas, ela é classificada como pertencente ao reino animal. Contudo, o ser humano tem outros atributos que nenhum outro ser da natureza possui, os atributos mentais e espirituais, que determinam a manifestação de qualidades morais. Por isso, a raça humana deve ser classificada como uma espécie distinta do reino animal.

Em síntese, ao tratarmos do fundamento, tanto da lei natural quanto da moral, deve-se afirmar que o fundamento de ambas é a vontade de Deus. Ellen White corrobora essa afirmação ao dizer que “a lei de Deus é uma expressão da natureza divina [...] o fundamento do Seu governo no Céu e na Terra”.<sup>1</sup> Do Senhor irradiam as leis que regem os atributos, os princípios e as propriedades que todos os seres do Universo manifestam.

## A lei e a existência

A criação foi o sublime ato divino, incompreensível à mente humana, pelo qual

todo Universo veio a existir. A Bíblia revela esse fato sem acrescentar detalhes, afirmando que Deus falou e todas as coisas foram criadas (Sl 33:6; 148:5). Conforme foi apresentado na seção anterior, há leis que regem o comportamento ou a manifestação de princípios, propriedades e atributos dos seres do Universo. Assim, é possível afirmar que existe uma relação íntima entre a “observância da lei” e a existência de todos os seres encontrados na natureza.

Ao longo do tempo, o estudo das características dos seres da natureza fundamentou a edificação das ciências. Parte desse estudo se propõe a identificar as leis que regem o Universo conhecido. Portanto, “fazer ciência” é descobrir ou enunciar leis e aplicá-las. Pela ciência, sabemos que a luz deve sua existência à observância de muitas leis. Por exemplo, ela depende das leis como a da irradiação eletromagnética, da natureza ondulatória, da velocidade, da frequência das ondas, da radiação espectral e do comprimento da onda. A constância dessas leis na produção da luz possibilita o estudo dos fenômenos luminosos. A omissão ou não cumprimento de qualquer uma dessas leis determinará a extinção da luz.

Aceitando a relação entre lei e existência, podemos presumir que, na criação, Deus elaborou essas leis antes de ordenar: “haja luz” (Gn 1:3). Semelhantemente, procedeu assim ao criar tudo o mais no Universo. Primeiro, elaborou as leis; depois, ordenou a existência de todas as coisas. Sobre a soberania divina na natureza, Ellen White afirma: “Desde as estrelas, que em seus inexplicáveis trajetos através do espaço percorrem, século após século, os caminhos a elas designados, até o minúsculo átomo, as coisas da natureza obedecem à vontade do Criador.”<sup>2</sup>

No caso da humanidade, além de estar sujeita às leis naturais, ela também é regida por valores morais e espirituais, baseados na lei de Deus. Sem as leis morais, o ser humano não poderia existir como pessoa; seria só mais uma espécie do reino animal.



Kevin Gaudin | Adobe Stock

Assim, é possível afirmar que a existência da pessoa humana, à imagem do Criador, depende da vigência da lei moral.

## A permanência da lei

A relação entre lei e existência é vital para qualquer ser do Universo. Isso também se aplica à relação da pessoa humana com a lei moral. Enquanto o ser humano existe, a lei moral está vigente, gravada no coração, mesmo para gentios ou descrentes (Rm 2:14, 15).

Em sua essência, a lei natural possui os seguintes atributos: universalidade, obrigatoriedade, validade absoluta e causalidade. Isso quer dizer que ela está imposta a todos os seres criados (universalidade), deve ser cumprida (obrigatoriedade), não pode ser afetada (validade absoluta) e, caso seja anulada, causa a extinção do ser (causalidade).

A lei moral também tem esses atributos, e eles se aplicam à relação entre ela e o ser humano. Contudo, na lei moral, o atributo da obrigatoriedade possui um elemento diferenciado, o livre-arbítrio (Gn 2:16, 17). O Criador estabeleceu que a observância da lei moral fosse um ato de livre escolha humana. A frase usada por Deus “da árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2:17) refere-se metaforicamente à lei moral. Ellen White favorece essa interpretação ao dizer que a “desobediência desconsiderada [de Adão e Eva] era a transgressão da imutável e santa lei de Deus”.<sup>3</sup> Paulo também ecoa esse conceito ao apresentar, em paralelo, os resultados da desobediência de Adão e da obediência de Cristo (Rm 5:19).

A queda da humanidade no Éden levou à efetivação do plano da salvação, cuja essência reside na morte substitutiva de Cristo, no lugar do transgressor da lei (Gn 3:15; Rm 3:24). A aceitação do sacrifício mediante a fé determina a revogação da pena, justificando, assim, o pecador (Gl 2:16; 3:11). Desse modo, a vigência da lei

é anterior à manifestação da fé. Dito de outra maneira, no processo da justificação, a lei precede à fé.

Por sua vez, Paulo declara enfaticamente que ninguém é justificado pelo cumprimento da lei (Rm 3:20), embora ela tenha seu papel no processo da redenção, conforme reflete a orientação de Cristo ao jovem rico: “Se queres, porém, entrar na vida [eterna], guarda os mandamentos” (Mt 19:17). A lei moral é expressão do caráter de Deus e de Sua vontade para o homem (Êx 20:1-17), “por conseguinte, a lei é santa e o mandamento, santo, justo e bom” (Rm 7:12). Considerando sua origem divina, a lei é perfeita, e quem a praticar “esse será bem-aventurado no que realizar” (Tg 1:25). Sem lei, o homem ficaria privado da noção do bem, pois é pela lei que vem o conhecimento do mal (Rm 3:20). O propósito ou finalidade da lei é conduzir o homem a Cristo (Rm 10:4). A lei, sendo espiritual, ajuda o homem carnal a praticar o bem (Rm 7:14-22). A ética cristã, alicerçada na prática de “levar as cargas uns dos outros”, é o cumprimento da lei (Gl 6:2).

Por fim, é importante lembrar o que Jesus afirmou em relação à lei: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (Mt 5:17, 18). Portanto, a lei permanece após a fé.

## Conclusão

Para alcançar a vida eterna, o homem pecador precisa de uma declaração de justiça, obtida gratuitamente pela graça divina (Rm 3:24), uma vez que ninguém é justificado por obras ou méritos próprios (Rm 3:20). Os méritos da justificação são atribuídos ao ministério de Cristo e à Sua morte vicária (Rm 5:6, 9). Portanto, a salvação é mediante a fé em Jesus Cristo

(Rm 3:22). Essa verdade já se encontrava no Antigo Testamento (Hc 2:4); porém, foi realçada no Novo Testamento (Rm 1:17). Contudo, as Escrituras indicam que a justificação pela graça mediante a fé não afeta a validade da lei.

Em suas duas formas de expressão, natural e moral, a lei encontra seu fundamento na vontade de Deus. Ela tem origem Nele, reflete Seu caráter e, como tal, manifesta Sua perfeição e eternidade (Mt 5:18). Além disso, foi elaborada e definida antes mesmo da existência de qualquer coisa no Universo. A lei natural estabelece os princípios, atributos e propriedades que todo ser criado por Deus manifesta. Assim, ela determina a existência de todo ser. A lei moral, à semelhança da lei natural, também foi elaborada por Deus, antes de o ser humano ser criado à Sua imagem. O conteúdo da lei moral orienta como as pessoas podem se relacionar com Deus e com seus semelhantes, podem amar a Deus e ao próximo, pois, “destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22:40). Além disso, as Escrituras apresentam uma relação de leis alimentares, higiênicas, pedagógicas, sociais, entre outras, que, pelo seu propósito, devem ser consideradas como extensões da lei moral. Finalmente, o apóstolo Paulo, visualizando essa relação, recomenda glorificar “a Deus no vosso corpo” (1Co 6:20); ou seja, observar a lei moral e sua extensão para o bem-estar da própria pessoa. **M**

## Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017), p. 59.

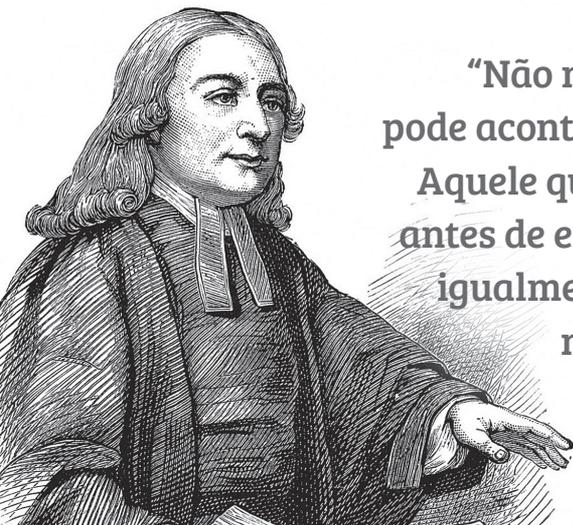
<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 86.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 32.



Gentileza do autor

**Ruben Aguilar**, doutor em Arqueologia, é professor emérito de Teologia do Unasp, Engenheiro Coelho



**“Não me preocupo com o que pode acontecer daqui a cem anos. Aquele que governava o mundo antes de eu nascer cuidará disso igualmente, quando eu estiver morto. A minha parte é melhorar o momento presente.”**

**John Wesley**



**“A fé que não provém da razão deve ser posta em dúvida, e a razão que não leva à fé deve ser temida.”**

**G. Campbell Morgan**



**“O cristianismo é mais do que um ideal moral; trata-se de um movimento com uma missão.”**

**Bruce L. Shelley**



**“A aplicação do método científico não produz verdade absoluta e final, mas, em vez disso, nos ajuda na constante tarefa de interpretar a realidade.”**

**Fernando Canale**

Sergey Nivens | Adobe Stock; Cedido pela Universidade Andrews, Wikimedia Commons; Divulgação

**“A igreja começou com o derramamento do Espírito, avançou sob a guia do Espírito e não terminará sua missão a não ser pelo poder do Espírito.”**

**Wilson Paroschi**

# Liderança mobilizadora

## Princípios bíblicos para envolver os membros na missão da igreja

*André Clemente*

**M**obilizar pessoas para atuar na igreja de Deus sempre foi um grande desafio. Geralmente, cada congregação é composta por três grupos distintos. O primeiro é composto por membros que se envolvem por completo na missão, sem se importar com o

tempo ou lugar, pois seguem o imperativo da grande comissão, em Mateus 28:19 e 20. O segundo é formado por aqueles que nem sempre estão dispostos a acompanhar as iniciativas da igreja, embora participem, muitas vezes, a contragosto. Por fim, há quem se conforme com a mornidão

espiritual e adote uma postura de consumidor, em busca apenas de bons sermões e programas especiais.

A igreja de Cristo está vivendo os últimos dias da história do mundo. Repousa sobre cada membro a responsabilidade de desempenhar seu papel na Obra de Deus. Nesse cenário, destaca-se o papel do pastor que mobiliza suas igrejas para o cumprimento da missão.

A Bíblia está repleta de exemplos de líderes bem-sucedidos nesse propósito. Certamente, Neemias foi um dos mais destacados mobilizadores da história sagrada.



Ao se empenhar na obra de reconstrução dos muros de Jerusalém, levou em consideração seis princípios básicos, que podem ser seguidos por todos aqueles que desejam contribuir para que o reino de Deus se expanda na Terra.

## Espiritualidade

Quando Neemias soube da situação em que seu povo se encontrava, ficou profundamente abatido, o que o levou a chorar, orar e jejuar com muita intensidade (Ne 1:3-11). Durante quatro meses, ele buscou incessantemente o Senhor e se consagrou para a tarefa que Deus estava despertando em seu coração. Aqui temos um detalhe importante: Quando o Senhor nos chama para uma missão, é preciso consagrar-nos e esperar o momento certo para agir. Ellen White lembra que “ninguém que vá ao Senhor com sinceridade de coração ficará desapontado”.<sup>1</sup> Por isso, no tempo apropriado, ele foi falar com Artaxerxes a respeito do assunto.

Em primeiro lugar, portanto, o líder mobilizador é aquele que prioriza a comunhão com Deus antes de qualquer outra coisa. Tiberius Rata fez um comentário muito pertinente sobre essa característica. Ele disse: “Neemias combinou seu choro com a oração porque um líder piedoso é um homem de oração. O livro de Neemias registra apenas doze de suas orações, mas sentimos que sua vida foi imersa em oração. Muitos líderes da atualidade confiam em abordagens humanistas e orientadas para os negócios, em vez de se voltarem para o grande poder da oração.”<sup>2</sup>

## Planejamento

Logo após escutar o relatório de Hanani sobre a condição das portas, dos muros e de cada parte da cidade de Jerusalém que precisaria ser restaurada, Neemias começou a traçar os planos para executar a tarefa. Neste ponto, percebemos a existência de dois tipos de planejamento. No primeiro, mais geral, Neemias considerou

os recursos de que precisaria para realizar a obra. Depois, com a lista de necessidades pronta, ele apresentou seus pedidos ao rei (Ne 2:6-8). Tendo obtido aquilo de que necessitava, Neemias seguiu para Jerusalém. Chegando lá, começou a elaborar um plano mais específico de trabalho. Durante três dias, ele e alguns amigos saíram para percorrer a cidade e verificar a situação em que ela se encontrava, a fim de estabelecer a estratégia a ser utilizada para a obra de reconstrução.

Quando planejamos algo para benefício da missão da igreja, devemos considerar, em primeiro lugar, o elemento fé. Com fé, o planejamento se torna realidade, mesmo antes de acontecer.<sup>3</sup> Um bom planejamento requer tempo, imaginação e foco. A grande tentação do líder é pensar que o tempo gasto na elaboração de um projeto é desperdício. O líder que não sabe aonde quer chegar, chega onde não deveria estar.

Alguns passos são necessários para elaborar um bom planejamento: (1) realizar um estudo preliminar; (2) dirigir perguntas estratégicas às pessoas que estarão envolvidas no projeto; (3) descobrir as necessidades locais; (4) dividir o projeto em etapas; (5) definir quem serão os líderes; (6) calcular os recursos necessários para a realização de cada etapa; (7) assegurar-se do recebimento desses recursos; e (8) estabelecer a data para o início do projeto.

Tendo definido o planejamento, deve-se seguir um cronograma, que geralmente envolve: (1) capacitação da equipe; (2) divisão das tarefas; (3) início das atividades; (4) avaliação das atividades; (5) reestruturação da equipe e (6) conclusão do projeto.

## Motivação

Há pessoas que, por natureza, são motivadas; outras necessitam de incentivo para entrar em ação. Neemias inflamava o coração dos judeus com sua espiritualidade, prontidão e motivação. Ellen White afirma que “a santa energia e as elevadas esperanças de Neemias comunicaram-se ao povo.



Kösto | Adobe Stock

Contagiados por esse espírito, ergueram-se por algum tempo ao nível moral de seu líder. Cada qual, em sua esfera, era uma espécie de Neemias; e cada um fortalecia e apoiava seu irmão na obra.<sup>14</sup>

A experiência de Neemias demonstra que para motivar é necessário ter boa comunicação. Isso não consiste somente em falar bem e usar palavras corretas. As pessoas percebem mais o espírito de quem fala do que suas palavras. A comunicação eficaz pressupõe um alto nível de relacionamento entre as partes comunicantes. Para que isso ocorra, considere estas dicas:

a) *Ponha-se no lugar das pessoas.* Procure saber o porquê de cada situação.

b) *Valorize as pessoas.* Dê atenção às suas palavras e ações, faça elogios sinceros e reconheça suas qualidades.

c) *Demonstre interesse.* Ajude-as em suas dificuldades, chame-as pelo nome e torne-as únicas entre a multidão.

d) *Desenvolva cooperação.* Ela só pode ser alcançada quando você considerar as ideias e os sentimentos das outras pessoas.

Se tivesse que resumir esse ponto em uma frase, seria: "Seja claro em sua comunicação e fortaleça seus relacionamentos interpessoais."

## Estruturação

Após motivar as pessoas, o líder deve estruturar sua equipe. Estrutura é o alicerce que proporciona sustentação ao projeto. O mobilizador deve providenciar as ferramentas necessárias para seus liderados. Precisa apresentar, de forma compreensível, cada componente necessário para a realização da tarefa.

Na reconstrução dos muros de Jerusalém, Neemias dividiu o povo em grupos familiarizados entre si, ou seja, por habitantes da mesma região e por atividade (sacerdotes, levitas, construtores, comerciantes).<sup>5</sup> O trabalho foi tão bem planejado e estruturado que sua conclusão se deu

em tempo recorde (Ne 6:15). Cada pessoa sabia onde devia estar. Sabia também qual era sua responsabilidade e o que se esperava dela. Podemos ver nisso o exemplo de um modelo de comunicação e delegação de atividades.

Por quase dois meses, as pessoas se esqueceram das suas atividades cotidianas. Todos, agora, tinham uma missão em comum: reconstruir os muros da cidade. Estrategicamente, Neemias colocou algumas famílias para trabalhar nas proximidades de suas residências. Isso facilitou o trabalho e trouxe mais motivação.<sup>6</sup> Em todo o trabalho, houve coordenação de esforços.<sup>7</sup>

## Supervisão

A supervisão é indispensável em qualquer atividade. Sem avaliar o trabalho que está sendo realizado, fica difícil saber em que etapa ele está e qual é o próximo passo a ser dado. É por meio da supervisão que se descobre os erros e acertos para o avanço do empreendimento.

Ellen White diz que "com incansável vigilância, [Neemias] superintendia constantemente a obra, dirigindo os obreiros, observando qualquer dificuldade e tomando providências para qualquer emergência. Sua influência foi sentida constantemente em toda a extensão daqueles cinco quilômetros de muro. Com palavras oportunas, animava ele os temerosos, aprovava os diligentes ou despertava os tardios. E de novo vigiava com olhos de águia os movimentos dos inimigos, que por vezes se reuniam a distância e se empenhavam em animada conversa, como se conspirassem, e então, aproximando-se dos obreiros, tentavam desviar-lhes a atenção e estorvá-los no trabalho."<sup>8</sup>

Ao acompanhar o desenvolvimento de um projeto, não entre em cena com tom de cobrança. Elogie o que já foi feito. Procure unir as forças. Não dê atenção àqueles que sempre procuram atrapalhar a obra. Seu tempo é precioso!

## Conclusão

Começar um trabalho é importante, porém concluir a tarefa é essencial. Alguns tentarão intimidar o líder ou distraí-lo de alguma forma. Neemias teve opositores desde o início do empreendimento. À medida que o tempo passava, a pressão sobre ele e seus colaboradores se intensificava. Felizmente, ele não permitiu que isso o atingisse (Ne 6:1-3). Então, após 52 dias, sua missão foi concluída. Os muros de Jerusalém estavam reconstruídos para a glória do Senhor e felicidade dos seus habitantes.

Neemias fez de Deus sua defesa segura, depositando Nele sua confiança. Em suas inúmeras atividades, não se esqueceu da fonte de sua força. Seu coração estava constantemente voltado para Deus, o Grande supervisor de tudo.<sup>9</sup> Em toda sua obra, Neemias desejou somente exaltar ao Senhor. Esse também deve sempre ser nosso objetivo ao liderar o povo de Deus. **M**

## Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Lições da Vida de Neemias* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 12.

<sup>2</sup> Tiberius Rata, *Ezra-Nehemiah: A Mentor Commentary* (Ross-shire, Escócia: Mentor, 2010), p. 132.

<sup>3</sup> Josué Campanhã, *Planejamento Estratégico: Como assegurar qualidade no crescimento de uma igreja* (São Paulo: Vida, 2013), p. 25.

<sup>4</sup> Ellen G. White, p. 23.

<sup>5</sup> Philippe Abadie, *O Livro de Esdras e de Neemias* (São Paulo: Paulus, 1998), p. 66.

<sup>6</sup> Derek Kidner, *Esdras e Neemias: Introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova, 2006), p. 93.

<sup>7</sup> Pat e David Alexander (org.), *Manual Bíblico SBB* (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010), p. 335.

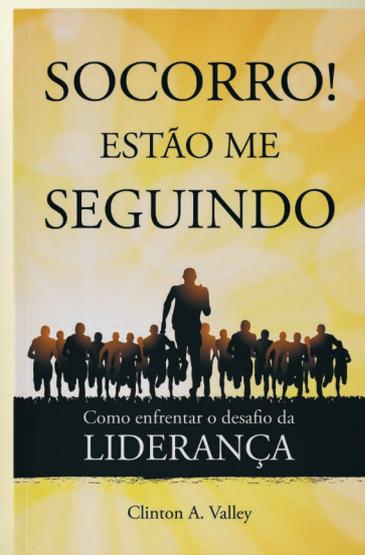
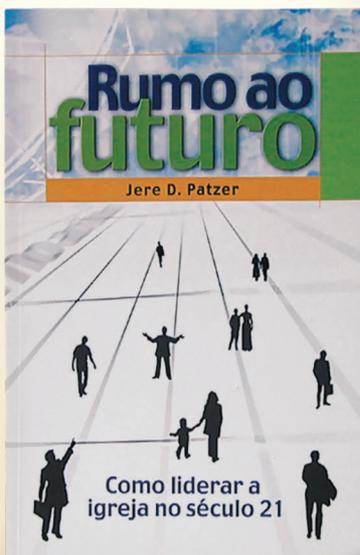
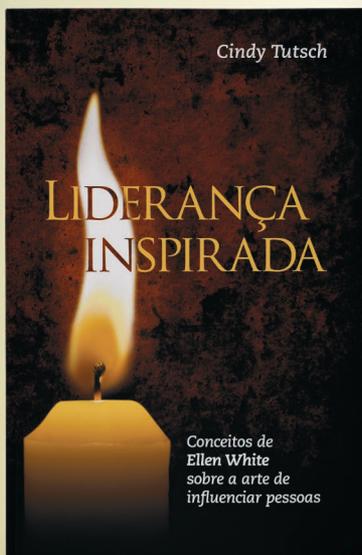
<sup>8</sup> Ellen G. White, p. 26.

<sup>9</sup> Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 640.



**André Clemente**, *mestrando em Missão Urbana, é pastor em Juazeiro, Bahia*

# DEIXE DEUS CONDUZIR SUA VIDA...



...E VOCÊ SE SENTIRÁ CADA VEZ MAIS CONFIANTE  
DE QUE ELE O CHAMOU PARA LIDERAR!



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073  
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/casapublicadora

# A travessia



Sucre, capital constitucional da Bolívia

**E**m agosto de 2018, eu e minha esposa, Liliane, chegamos a Sucre, capital constitucional da Bolívia, com a missão de pastorear o distrito Sucre Norte. A população local é formada por pessoas que falam o castelhano, na área urbana, e o quéchua, na área rural.

O território do meu distrito é muito desafiador, em virtude das longas distâncias a ser percorridas, das mudanças climáticas imprevisíveis e dos acessos precários. Entretanto, para mim, o maior desafio era entender o idioma quéchua. Como poderia me comunicar bem com os irmãos da igreja?

Diante das lutas, comecei a orar com minha esposa, pedindo a Deus que providenciasse os meios necessários para cumprir a missão que nos foi confiada. Foi então que conheci David Aguilar, ancião de uma de minhas igrejas. Pedi-lhe que me ajudasse como guia e intérprete, o que me foi muito especial. Entendi que Deus tem respostas para cada dificuldade e que não há barreiras para Ele.

Com a ajuda de David, comecei a visitar as igrejas da área rural. Em nossa primeira jornada, saímos em uma motocicleta e percorremos 93 km por uma estrada totalmente esburacada. Na segunda viagem,

não pudemos usar a estrada, em virtude das fortes chuvas. Assim, viajamos a pé por seis horas e tivemos que cruzar o rio Pilcomayo. As vitórias em meio às dificuldades e as manifestações da providência divina fortaleceram nosso trabalho com as comunidades rurais.

Contudo, a viagem mais marcante foi a que fiz à igreja de Media Luna, a congregação mais distante e de difícil acesso do distrito. Começamos a jornada e paramos em Oronkota, uma de minhas igrejas na área rural. Descobrimos ali que não havia trilha para Media Luna. A única maneira de chegar ao lugar era margeando vales e colinas e cruzando rios que, naquela época do ano, transbordavam por causa das chuvas. Os irmãos de Oronkota, prevenido que eu não aguentaria a caminhada, olharam meus calçados e disseram: “Estes sapatos não são adequados para o caminho pedregoso.”

Às 10 da manhã, começamos a caminhar. Enquanto cruzávamos as poucas aldeias do trajeto, os moradores se mostravam incrédulos e diziam em quéchua: “Seu pastor, por ser ‘gringo’, nunca chegará a Media Luna.” Apesar da falta de estímulo, continuamos a viagem. Graças a Deus, as

águas do rio haviam baixado; assim, conseguimos cruzá-lo sem dificuldades.

No entanto, quando veio a noite, e com ela o frio e a fome, confesso que me perguntei: “Isso realmente é necessário? Eu poderia fazer essa viagem em maio, depois das chuvas.” Foi então que me veio à memória as palavras de um pastor experiente: “Um pastor deve estar onde estão suas ovelhas.” Isso me fez refletir, em silêncio: “Os irmãos de Media Luna estão esperando seu pastor”. O Espírito Santo me animou a continuar. Eu sabia que minha esposa orava para que eu alcançasse nossos irmãos da área rural com a mensagem de esperança.

De repente, fome e cansaço desapareceram. O relógio marcava quase meia-noite quando David me disse: “Chegamos a Media Luna!” Depois de 14 horas de caminhada, estávamos exaustos, mas felizes. A face de meus irmãos refletia alegria e motivação, porque seu pastor estava com eles. Fiquei ali alguns dias para visitar as pessoas, batizar novos membros e pregar no sábado. Essa foi uma experiência da qual jamais me esquecerei.

Ao regressar, fizemos o mesmo caminho. Dessa vez, saímos às 5 horas da manhã e demoramos 10 horas para chegar a Oronkota. Permaneci com eles por uma semana, trabalhando por aquela igreja. Um detalhe, porém, não passou despercebido: enquanto os visitava, usava o sapato que eles diziam ser inadequado para caminhar a Media Luna. Nosso Deus é um Deus de milagres!

Essa experiência me ensinou que devemos ter a mesma paixão demonstrada por Jesus Cristo, nosso Salvador. Somos a extensão de Suas mãos na Terra para levar salvação e esperança aos que sofrem, seja no campo ou na cidade. Assim como Ele deixou tudo, devemos deixar em muitas ocasiões nossa zona de conforto para cumprir a missão. Exercemos nosso ministério com essa mesma motivação. **M**

Sérgio Vassallo é pastor em Sucre, Bolívia

# Trabalho em equipe

O ministério é uma atividade desafiadora e, muitas vezes, o pastor se vê sozinho diante dos diferentes problemas e das variadas demandas que surgem no dia a dia do exercício de sua vocação. Nesse contexto, destaca-se a importante presença de sua esposa que, como “auxiliadora idônea”, ouve, compreende e ajuda o esposo a conduzir o rebanho que lhes foi confiado.

Um estudo nos escritos de Ellen White indica que o apoio da esposa ao ministério do esposo, como uma equipe ministerial, traria muitos benefícios para o cumprimento da missão. Certa ocasião, ela escreve: “Quando for possível, vão o pastor e a esposa juntos. A mulher pode muitas vezes trabalhar ao lado do esposo, efetuando um nobre serviço. Ela pode visitar os lares do povo e ajudar as senhoras nessas famílias de um modo que não é possível ao marido” (*Evangelismo*, p. 491).

Embora a dinâmica das famílias tenha mudado ao longo do tempo, é importante que pastor e esposa encontrem meios de participar juntos das atividades ministeriais. Para tanto, devem considerar o envolvimento da esposa no ministério de acordo com os dons que ela possui. Além disso, a presença do casal em visitas aos membros e interessados e o engajamento no trabalho evangelístico fortalecem a influência de sua liderança, bem como os laços conjugais. Por fim, a esposa do pastor, conforme seu tempo e suas habilidades, pode desenvolver um ministério diferenciado aconselhando mulheres, orientando o trabalho com as crianças ou liderando áreas da igreja nas quais ela tenha afinidade.

Um casal pastoral inspirador na história da Igreja Adventista foi Stephen e Hetty Haskell. Eles receberam muitas cartas de Ellen White enquanto trabalhavam juntos na lida ministerial. Após perder a primeira



Ben White | Unsplash

esposa, Mary, Haskell foi enviado como missionário à África e se sentia muito sozinho. Ellen White sugeriu, então, que Hetty Hurd seria uma boa esposa para ele, após ter visto um anjo com as mãos sobre os ombros de Haskell, dizendo: “Não suscitei os dois [Stephen e Hetty] para te apoiarem [Ellen White]?” Em 1892, Stephen e Hetty se casaram com o propósito de estarem unidos no ministério. Os Haskell realizaram evangelismo público e pessoal e coordenaram equipes evangelísticas por onde passaram. Além disso, produziram muitos materiais evangelísticos e estabeleceram instituições educacionais e médico-missionárias (*Enciclopédia Ellen G. White*, p. 434, 435).

Em diversas ocasiões, por meio de correspondências, Ellen White encorajou o trabalho dos Haskell. Em 1897, após o casamento de Stephen e Hetty, ela escreveu: “Ficamos felizes em saber que seus interesses estão unidos como um só. Que o Senhor abençoe esta união, para que vocês sejam uma força e um apoio um ao outro em todos os momentos. Que a paz de Deus descanse sobre vocês, é meu sincero desejo e fervorosa oração” (Carta 74a).

Em 1902, Ellen White recordou Haskell do presente que recebeu ao se casar com

Hetty, dizendo: “O Senhor o trouxe através de muitos lugares difíceis e penosos. Ele deu a você a oportunidade de trabalhar em conexão com sua esposa. Ele a deu a você para ajudá-lo, para ser uma com você, para cuidar de você” (Carta 47).

Ela também os animou no trabalho, ao escrever: “Queridos irmão e irmã Haskell, estou muito feliz por saber que Deus manifesta através de vocês Seu poder e Sua graça em favor da verdade. Espero que sejam sustentados, fortalecidos e abençoados. E vocês certamente serão, se andarem humildemente com Deus. Tenham bom ânimo. A providência de Deus certamente abrirá o caminho e lhes dará preciosas vitórias” (Carta 150, 1901).

O casal Haskell é um exemplo de que o trabalho conjunto do pastor e sua esposa produz muitos resultados. Que cada casal ministerial encontre a melhor maneira de experimentar essa parceria abençoada! **M**



Cortezado autora

**Eloá Moura Galvão**,  
mestranda em Teologia, é  
esposa de pastor e mora em  
São João do Paraíso, Bahia



## No Princípio: A ciência e a Bíblia confirmam a criação

*Bryan W. Ball, org., Casa Publicadora Brasileira, 2018, 319 p.*

A teoria da evolução tem sido apresentada como fato científico, e o criacionismo é rotulado como folclore religioso. Contudo, “no princípio criou Deus os céus e a Terra” são as primeiras palavras das Escrituras. Tudo foi criado de modo intencional e belo, por uma inteligência infinitamente superior. Não há espaço para qualquer tentativa de harmonização com o darwinismo nem conceitos neodarwinistas. Entretanto, o criacionismo não exclui o papel indispensável da ciência como fonte de conhecimento.

Com uma abordagem séria, acadêmica e acessível, 14 teólogos, eruditos e cientistas cristãos fazem deste livro uma obra de referência no estudo sobre as origens. Se você está em busca de respostas claras para perguntas complexas, não deixe de ler este livro.



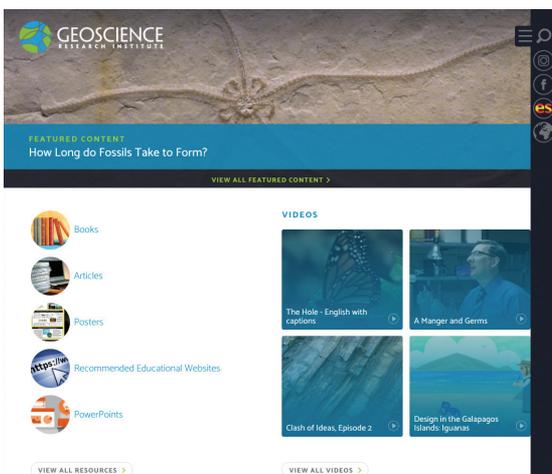
## Criação, Evolução e Teologia: Uma introdução aos métodos científico e teológico

*Fernando Canale, Unaspres, 2ª ed., 2016, 123 p.*

O debate criação/evolução geralmente ocorre no nível das conclusões, sem considerar a natureza dos processos por meio dos quais teólogos e cientistas chegaram a suas respectivas crenças. Desse modo, o problema não tem que ver com o conflito entre fé e ciência, mas com as diferenças entre a teologia e as ciências empíricas.

O evolucionismo se tornou a explicação padrão para a história da vida, bem como o centro de uma nova cosmologia. A teoria da evolução tem considerado a história da criação um mito. Fernando Canale expõe com clareza e profundidade temas como a formação do conhecimento, pós-modernidade e metodologia científica, a teoria da evolução e as teologias cristãs e a estrutura da metodologia científica.

Este livro não consiste numa análise das crenças da evolução e da criação, mas em um estudo do processo racional que leva a essas formulações. Ele apresenta as principais características da ciência e da teologia com o objetivo de facilitar o debate sobre a origem da vida.



## Geoscience Research Institute

[www.grisda.org](http://www.grisda.org)

O Instituto de Pesquisa em Geociência (GRI), órgão ligado à sede mundial da Igreja Adventista, iniciou suas atividades em 1958, com o propósito de examinar as evidências científicas e teológicas referentes às origens. Para tanto, o GRI usa as ciências naturais e a revelação bíblica.

Localizado no complexo universitário de Loma Linda, Estados Unidos, o GRI é um centro de estudos, produção e divulgação de materiais de interesse científico, teológico e filosófico na controvérsia criacionismo *versus* evolucionismo.

Seu site é repleto de recursos úteis para o estudo pessoal e preparo de sermões, artigos e palestras sobre o tema. Parte do material do site do GRI pode ser encontrado em português no endereço [www.evidenciasonline.org](http://www.evidenciasonline.org).

# Abordagem oportuna

Como criacionistas, qual é nosso objetivo ao escrever um texto, ministrar um seminário ou pregar um sermão defendendo a criação literal? Que impressão queremos deixar? Um sermão pode exaltar a Jesus Cristo e gerar na audiência o desejo de segui-Lo ou dar a entender que nutrimos desdém ou até hostilidade para com aqueles que não estão de acordo conosco.

Necessitamos ser cuidados quanto à maneira como lidamos com esse desafio. Muitos materiais criacionistas criticam o evolucionismo dizendo que se trata de uma teoria sem sentido, que visa dar às pessoas uma justificativa para que elas evitem a verdade a respeito de Deus. Esses criacionistas pensam que se os evolucionistas simplesmente olhassem as evidências tão óbvias favoráveis à criação, isso seria suficiente para provar que o criacionismo é correto. Entretanto, muitos não compreendem a argumentação evolucionista. Além disso, usam somente as evidências que se encaixam com as ideias criacionistas, enquanto ignoram aquelas que lhe são desafiadoras.

Em realidade, muitos cientistas nunca tiveram a oportunidade de ver alternativas razoáveis ao processo evolutivo. Muitos, embora estejam convencidos pelas explicações evolucionistas, não estão dispostos a negar a existência de Deus ou estão buscando algum sentido para a vida. Queremos atrair ou repelir essas pessoas?

Certamente, Deus deseja dar aos evolucionistas uma oportunidade justa para que aprendam que Ele tem uma mensagem de esperança para todos e que é digno de confiança. Devemos lhes apresentar Cristo com sensibilidade e amor. Ao fazer isso, é útil pensar em quais tipos de pessoas estamos alcançando ou que sentimentos elas nutrem em relação a nós.

Em primeiro lugar, estão aqueles que acreditam no evolucionismo e dificilmente estão abertos a mudar de opinião. Há também evolucionistas que, pelo menos,

estão abertos a avaliar outras possibilidades a respeito das origens. Por fim, existem aqueles que não são tão convictos a respeito da teoria da evolução e buscam um sentido para a vida. Nosso objetivo, portanto, deve ser apresentar a mensagem com convicção, inteligência e respeito para com todos.

Geralmente, gostamos de pensar que podemos provar que a Bíblia tem razão e que o evolucionismo está errado. Embora sejamos bem-intencionados, às vezes apresentamos esse enfoque a nossos jovens, muitos dos quais são alunos de universidades em que os cientistas disseminam uma grande quantidade de dados que visam destruir os pressupostos criacionistas. Então, esses jovens cristãos descobrem que a evolução não é uma teoria estúpida, mas algo que pode se apoiar em uma série de provas que parecem convincentes, e muitos perdem a fé.

Quão melhor seria se ensinássemos à nossa juventude que os evolucionistas são pessoas inteligentes, com muitas evidências para defender seus pontos de vista, mas que existem outras formas, melhores, de interpretar tais evidências. Embora tenhamos boas razões para acreditar no criacionismo e defendê-lo, não devemos minimizar a capacidade que os evolucionistas têm para fazer com que seus argumentos pareçam convincentes.

Precisamos da sabedoria divina ao considerar como apresentar esse aspecto do evangelho. Nossa oração e nosso desejo é que todos nós trabalhemos juntos para encontrar as melhores maneiras de alcançar as pessoas e aproximá-las de Jesus. **M**



**Embora tenhamos boas razões para acreditar no criacionismo e defendê-lo, não devemos minimizar a capacidade que os evolucionistas têm para fazer com que seus argumentos pareçam convincentes.”**



Gentileza do autor

**Walter Steger**, mestrando em Teologia, é editor associado da *Ministério*, edição em espanhol



# CPB

## livraria

LIVROS | BÍBLIAS | HINÁRIOS | GUIAS DE ESTUDO | CDS  
 DVDS | REVISTAS | FOLHETOS | JOGOS | BRINQUEDOS

### CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB ESPALHADAS POR TODO O BRASIL

**AMAZONAS  
 MANAUS**

**SÃO GERALDO**  
 Av. Constantino Nery, 1212  
 (92) 3304-8288

**BAHIA  
 CACHOEIRA**

**FADBA**  
 Rod. BR 101, km 197  
 (75) 3425-8300

**BAHIA  
 SALVADOR**

**NAZARÉ**  
 Av. Joana Angélica, 1039  
 (71) 3322-0543

**CEARÁ  
 FORTALEZA**

**CENTRO**  
 R. Barão do Rio Branco, 1564  
 (85) 3252-5779

**DISTRITO FEDERAL  
 BRASÍLIA**

**ASA NORTE**  
 SCN | Bl. A | Qd. 1 | Lj. 17/23 - Ed. Number One  
 (61) 3321-2021

**GOIÁS  
 GOIÂNIA**

**SETOR CENTRAL**  
 Av. Goiás, 766  
 (62) 3229-3830

**MATO GROSSO DO SUL  
 CAMPO GRANDE**

**CENTRO**  
 R. Quinze de Novembro, 589  
 (67) 3321-9463

**MINAS GERAIS  
 BELO HORIZONTE**

**CENTRO**  
 Rua dos Guajajaras, 860  
 (31) 3309-0044

**PARÁ  
 BELEM**

**MARCO**  
 Tv. Barão do Triunfo, 3588  
 (91) 3353-6130

**PARANÁ  
 CURITIBA**

**CENTRO**  
 R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Loja 1  
 (41) 3323-9023

**PERNAMBUCO  
 RECIFE**

**SANTO AMARO**  
 R. Gervásio Pires, 631  
 (81) 3031-9941

**RIO DE JANEIRO  
 RIO DE JANEIRO**

**TIJUCA**  
 R. Conde de Bonfim, 80 | Loja A  
 (21) 3872-7375

**RIO GRANDE DO SUL  
 PORTO ALEGRE**

**CENTRO**  
 R. Coronel Vicente, 561  
 (51) 3026-3538

**SÃO PAULO  
 ENGENHEIRO COELHO**

**UNASP/EC**  
 Rod. SP 332, km 160 | Faz. Lagoa Bonita  
 (19) 3858-1398

**SÃO PAULO  
 HORTOLÂNDIA**

**PARQUE ORTOLÂNDIA**  
 R. Pastor Hugo Gegembauer, 656  
 (19) 3503-1070

**SÃO PAULO  
 SANTO ANDRÉ**

**CENTRO**  
 Tv. Lourenço Rondinelli, 111  
 (11) 4438-1818

**SÃO PAULO  
 SÃO PAULO**

**MOEMA**  
 Av. Juriti, 563  
 (11) 5051-1544

**SÃO PAULO  
 SÃO PAULO**

**PRAÇA DA SÉ**  
 Praça da Sé, 28 | 5º Andar  
 (11) 3106-2659

**SÃO PAULO  
 SÃO PAULO**

**VILA MATILDE**  
 R. Gil de Oliveira, 153  
 (11) 2289-2021

**SÃO PAULO  
 TATUI**

**LOJA DA FÁBRICA**  
 Rod. SP 127, km 106  
 (15) 3205-8905